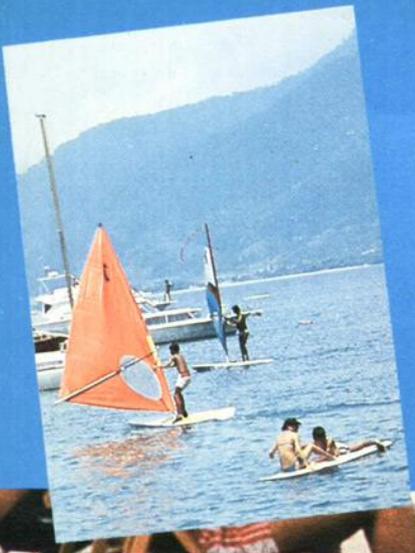


EDITORA ATO ANO II N.º 10
JAN - FEV DE 1983 - Cr\$ 320,00

ato



O VERÃO MOGIANO



*Um dia, quando você
também fizer parte do futuro,
verá o quanto é importante
uma formação bem orientada,
concluída com consciência.
Só então estará convicto de que
escolheu o melhor caminho.*

*Colégio São Marcos.
Uma expressão nítida
de tranquilidade e segurança.*



*AM
NOA*

Abertura

A mulher mogiana terá partos normais ou cesáreos de acordo com o seu poder aquisitivo. Se sua condição financeira for boa, ela certamente fará a operação cesárea, enquanto no outro lado da linha, se é das camadas mais humildes, fatalmente recorrerá ao nascimento normal, exatamente o mais saudável. É isso o que revela a Fundação Seade, órgão do governo de São Paulo, num extenso levantamento realizado na cidade de Mogi das Cruzes, onde se acompanhou não só os tipos de parto, mas também a relação existente entre a condição social da gestante e o peso dos recém-nascidos. Aí também valerá o rendimento da família: onde se alimenta bem virão bebês mais saudáveis, conclusão do demógrafo Luís Patrício Ortis em trabalho apresentado pela primeira vez durante a última reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – e publicada agora por **ATO** com exclusividade.



Nesta edição, a de número 10, a cidade também vai conhecer um dos mais famosos maestros do País, Odmir Amaral Gurgel, conhecido mais no Exterior que em sua terra, pois viveu a maior parte de sua longa vida profissional nos Estados Unidos. Há alguns

anos, porém, Gaó, como é conhecido, mudou-se para Mogi, onde, além de ensinar, compõe trilhas musicais, como o primeiro filme de Maurício de Souza, o criador de Mônica, Cebolinha e Cascão, entre outros personagens de histórias em quadrinhos.

A reportagem de capa desta edição aborda o verão – o reinado do sol, que modifica o humor e o comportamento das pessoas. Assim, **ATO** foi acompanhar os mogianos nesta estação, que se iniciou às 7h30 do último 22 de dezembro, contando, nas praias, clubes, bares e conversas animadas, como eles vivem o período em que o importante mesmo é o lazer.

F. L.

INDÚSTRIA

A FBM lança sua nova moto, a Kapra 125 Trail, e promete concorrer com as grandes fábricas japonesas que dominam o mercado de duas rodas. **Pág. 6**



Roberto Carlos, em 1982, foi novamente o campeão de arrecadação de direitos autorais. Faturou mais de Cr\$ 26 milhões. Em segundo vem Chico Buarque. **Pág. 28**



Carlos Soh fala de E.T., do novo e sensacional futebol paulista, relembra o mago Garrincha e não se esquece de cutucar Vicente Matheus. **Pág. 32**



PÁG. 31 Danda, uma cafeteira da Petrobrás, vive o maior conto de fadas do Brasil: serve café, mas viaja o mundo todo como manequim de grande sucesso.

TURISMO

Paraíba é um dos Estados mais bonitos do Nordeste e dos poucos que não aceitam as influências do Sul, cuidando com grande zelo de suas tradições. **Pág. 16**

E	
Caldeirão	22
Cartas	4
Combustível	5
Educação	11 e 12
Gente	24 e 25
Opinião	34

CAPA: Jussara Prado e Patrícia Masgrau em foto de Alfredo Rizzutti.



A grande virada

Mogiano, achei importante a reportagem do último número de **ATO** sobre os candidatos da cidade eleitos em 15 de novembro. Dá gosto ler uma publicação que

trata de assunto tão relevante para Mogi com isenção e profundo senso jornalístico, desde a análise do último pleito até a interessante demonstração feita pelo Instituto Gallup a respeito das tendências eleitorais. Excelente, igualmente, a entrevista feita com o novo prefeito – trata-se de documento, pois por ali poderemos ver, daqui a algum tempo, o que ele fez em relação às promessas. Devo elogiar ainda a postura do novo chefe administrativo da cidade: pareceu-me lúcido e bem-intencionado.

José Carlos de Alencar – São Paulo – Capital

Indisposição

Sou leitor assíduo desta revista desde seu primeiro número e quero parabenizar a publicação pelo ótimo trabalho desenvolvido, que traz cultura e desenvolvimento para Mogi das Cruzes.

Aproveito ainda para lançar uma dúvida, que, por certo, também é de muitos mogianos: qual a posição desta revista diante do nome de Oswaldo Regino Ornellas, visto que há muito venho notando uma “indisposição” de tratamento diante de tão honrada figura mogiana?

João José de Bastos Netto – Mogi das Cruzes – SP

ATO continua fiel ao seu compro-

misso original de pautar-se pela verdade. Sendo assim, não tem predileções especiais por esta ou aquela figura. No caso em referência, apenas relatou os aspectos que apurou como verdadeiros, não sendo contestada por isso.

A Marilyn nacional

Deliciosa a reportagem sobre Xuxa, que **ATO** abordou de maneira excelente em seu último número (9). Gostaria de poder ver mais astros de cinema e televisão nesta grande revista. E vou dar algumas dicas: Sônia Braga, Miriam Rios, Cláudia Ohana e, por que não, Maria Scheneider, a grande, belíssima, insuperável atriz de *Último Tango em Paris?*

Celina Boer – São Jose dos Campos – SP
ATO providenciará.

Ninguém que é mogiano deve estar esquecido da grande batalha travada por grandes figuras desta cidade para preservar as históricas igrejas do Carmo. Hoje, intactas e tombadas pelo Patrimônio Histórico Nacional, elas representam valor inestimável para a cultura mogiana. E **ATO** mostrou isso muito bem em interessante reportagem.

Cinthia Kertz – Mogi das Cruzes – SP

Clodovil

Adorei imensamente a entrevista com o Clodovil, aliás, o maior nome brasileiro – e não só da alta costura. Ele é simplesmente genial, e **ATO** mostrou isso muito bem. Clodô é um luxo, loucura!

Mário Rosas – Mogi das Cruzes – SP

*Cartas para ATO, rua
Senador Dantas, 326, Mogi das
Cruzes. CEP 08700 - SP.*

Diretor

Márcio de Paula

Editor Responsável

Fernando Leal

Diretor Administrativo

Benedito Wilson de Freitas

Editor Gráfico

Carlos Soh

Produção

Marina de Siqueira e Aranha
Elisabeth Vieira da Costa

Produção Gráfica

Mário Tadeu Rosas

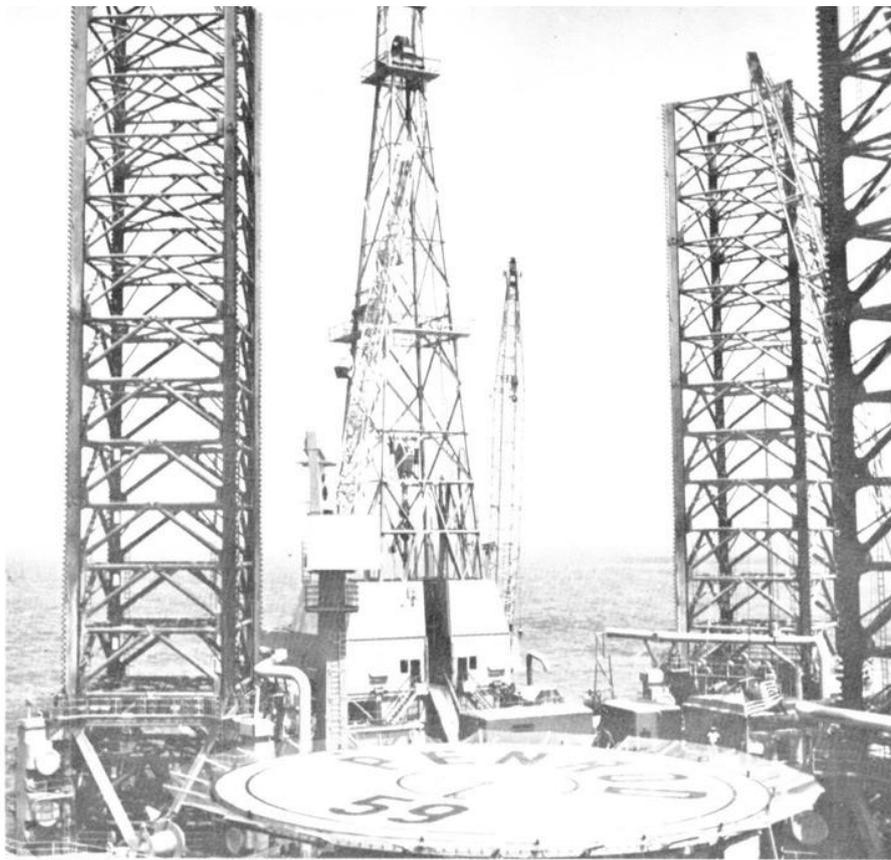
Publicidade

Robson Luiz Pimentel Regata
Eleni Nicolini

Colaboradores

Carlos Chagas e Rosângela Bittar (**Bra-sília**), Roberto Godoy e Wilson Marini (**Campinas**), José Carlos Santana (**Londres**), Darwin Valente, EME, Henrique Fernandes, Lenilde Pacheco e Vanice Assaz **Mogi das Cruzes**), José Roberto de Alencar (**Rio de Janeiro**), Antônio Augusto de Toledo Neto, Amado Neto e Flávio Nery (**São José dos Campos**), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, Ilka Marinho Zanotto, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Liane C.A. Alves, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Nicolielo, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Bataglia (**São Paulo**).

ATO é uma publicação bimestral da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.504, telefones: 215-8115/274-1932, CGC 46249439/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, Praça João Pessoa, 38, 2.º andar, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 – P. 209/73. **ATO** é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fotolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.



Do DNER ao Ministério da Aeronáutica, clientes fixos da conta.

COMBUSTÍVEL

Cobrindo o rombo

A Petrobrás fatura muito, mas tem de cobrir buracos de outros setores governamentais com seus lucros.

Que a Petrobrás está rica, ninguém duvida. Só nos três primeiros trimestres desde 1982 ano ela faturou a tuta-e-meia de Cr\$ 2,39 trilhões e tirou disso um lucro líquido, limpinho, de Cr\$ 90,7 bilhões, para dividir entre seus acionistas. No entanto, vendendo por Cr\$ 210 o litro de uma gasolina, que poderia ser vendido por Cr\$ 50, aquele lucro deveria ter sido muito maior.

Se não pudesse vender a Cr\$ 73, a Petrobrás não venderia. Mas vende, e pode: exporta gasolina a US\$ 38, até US\$ 40 o barril de 159 litros, o que, traduzindo, dá cerca de Cr\$ 73 o litro. Nessa exportação ela ainda tem um bom lucro. Afinal, exporta por US\$ 38 ou US\$ 40 o barril da gasolina tirada de um petróleo importado por menos de US\$ 33 o barril.

Tanto essa exportação "abaixo do preço" quanto o lucro relativamente pequeno (não chega a 4% do faturamento) têm a mesma explicação. Ocorre que o governo pendura tudo que consegue na conta dos consumidores de petróleo. Não tem dinheiro para a loucura nuclear? O consumidor de derivados paga. Faltam recursos para a Aeronáutica ou a Previdência Social? Os automobilistas pagam.

Para se ter uma idéia, os consumidores de todos os derivados – gasolina, diesel, gás de cozinha, querosene, querojato, lubrificante, tudo, enfim – pagaram, em 1981, um total de Cr\$ 2,11 trilhões nos postos, nos

armazéns ou nas distribuidoras onde se abasteceram. Desse total, 60,1% – ou Cr\$ 1,26 trilhão – foram trocados por dólares, no Banco Central, para pagar o petróleo alheio, de árabes, venezuelanos, mexicanos, africanos, chineses e soviéticos, que venderam para o Brasil.

A Petrobrás ficou com Cr\$ 322 bilhões para pagar seus empregados, funcionar suas refinarias e seus equipamentos de exploração ou produção de petróleo, para dar dividendos aos acionistas e para investir, principalmente, na exploração e na produção. Para movimentar o petróleo e seus derivados por trens, caminhões, barcaças fluviais e navios de cabotagem, a Petrobrás pagou, respectivamente, Cr\$ 20 bilhões, Cr\$ 13 bilhões, Cr\$ 302 milhões e Cr\$ 20 bilhões. Para usar os portos, outros Cr\$ 758 milhões.

Se fosse só isso de despesa, Cr\$ 66 pagariam muito bem um litro de gasolina. E, como no caso das exportações as despesas param aí, a Petrobrás pode exportar por Cr\$ 73 com bom lucro. Para vender no mercado interno, porém, os derivados têm de ser distribuídos por todo o território nacional (pelas distribuidoras, que ficaram com Cr\$ 125 bilhões daquele bolão) e revendidos pelos postos (com quem ficaram Cr\$ 119 daqueles bilhões).

Os Estados e os municípios levaram Cr\$ 40 bilhões em impostos (sua parte do Imposto

Único sobre Combustíveis e do ICM), em dividendos e em indenizações (pagas aos Estados e municípios cujo chão a Petrobrás tira petróleo – mas só do chão, pois o tirado do mar não dá direito a nada).

A União – através do Imposto Único, do Imposto de Renda e de uma tal de "alínea D" também embutida no preço dos derivados – arrecadou, daqueles Cr\$ 2,11 trilhões pagos pelos consumidores no ano passado, Cr\$ 44 bilhões. Até aí, tudo bem ainda. Mas é desse ponto em diante que a coisa começa a ficar engraçada. Cara graça.

Para um Fundo Nacional de Desenvolvimento foram Cr\$ 45 bilhões: 2,1% do bolão. Para o PIS/Pasep, Cr\$ 31 bilhões. Para Fundo Federal de Desenvolvimento Urbano, Cr\$ 2 bilhões. Para o Fundo de Desenvolvimento de Transporte Urbano, Cr\$ 2 bilhões. Para o Fundo de Liquidez da Previdência Social, Cr\$ 28 bilhões. E, para completar o saco de fundos, o Fundo Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Urbano levou outros Cr\$ 560 milhões.

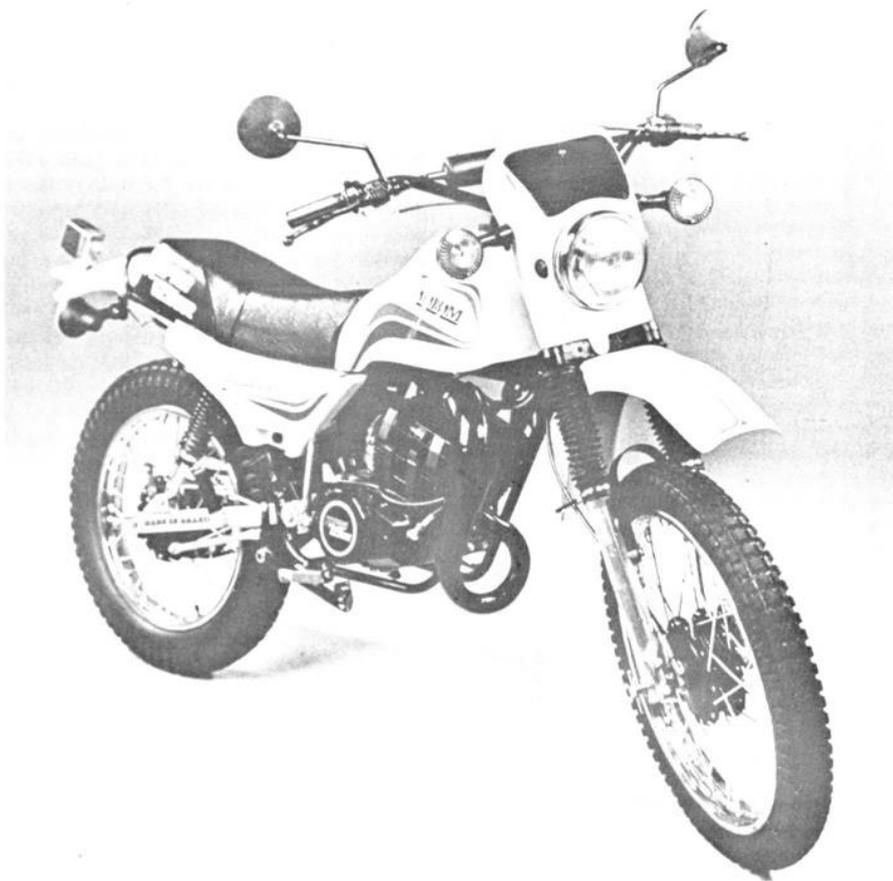
Tem um pedaço do bolo que nada tem a ver com a Petrobrás: o das refinarias particulares. Elas ganharam Cr\$ 7 bilhões daquele total grandão pago pelos consumidores de 1981. O Conselho Nacional de Petróleo, CNP, ficou com Cr\$ 2 bilhões. Refinarias particulares, CNP, fundos para melhorar os transportes urbanos e gastar menos combustíveis nas cidades ainda podem ter algo a ver com o preço dos combustíveis.

PIS/Pasep, liquidez da assustadora Previdência Social, impostos e indenizações são, por assim dizer, "encarecedores normais da vida brasileira", e tudo bem que incidam sobre os bebedores de petróleo. Bem mais difícil de explicar, na lista dos penduricalhos, é a presença de mamíferos do gênero Nuclebrás. Os gastadores de petróleo deram nada menos do que Cr\$ 328 milhões para a Nuclebrás, no ano passado. E outros Cr\$ 839 milhões para as "indústrias químicas" – segundo a tabela distribuída em outubro pela Petrobrás, que não explica as razões da inclusão dessas indústrias na lista dos comedores do bolão.

O Ministério da Aeronáutica levou Cr\$ 3 bilhões. E o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, Cr\$ 6 bilhões. "Está certo" – dirá algum apressadinho. "Se os combustíveis movimentarão caminhões, ônibus e automóveis pelas estradas, nada mais justo do que embutir, no preço dos derivados, uma taxinha para a construção e a conservação daquelas estradas." De fato, parece certo.

Mas o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem não tem dotação orçamentária? Não ganha um pedaço do orçamento da União para investir? Ganha. E não cobra Taxa Rodoviária Única dos donos dos automóveis, exatamente para fazer e manter estradas? Cobra. E não arrecada mais dinheiro ainda com os pedágios? Arrecada. E não leva nada das multas aplicadas em quem abusa nas rodovias federais? Leva. De qualquer forma, o pessoal da Petrobrás até prefere que não se toque muito nesse assunto. Explicam: "Toda vez que se começa falar nele, alguém se lembra de mais um penduricalho para botar na conta da gasolina. É melhor ficar quieto".

José Roberto de Alencar, do Rio



INDÚSTRIA

Kapra, a moto da FBM

Angel Guelman recupera a fábrica gaúcha da FBM e lança grande ofensiva para colocar seu novo produto.

Nos primeiros dias de fevereiro, quando foi oficialmente lançada a Kapra 125 Trail, da FBM – Fábrica Brasileira de Motos, seu diretor-presidente, Angel Jacobo Falkas Guelman, saboreou a consecução de uma meta que parecia muito distante ao comprar, há quatro meses, a então problemática fábrica instalada em Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul. Neste curto período, ele quadruplicou o capital da indústria, reequipou-a totalmente, contratou novos empregados – entre eles experientes técnicos italianos – e se lançou numa programada e febril produção de motocicletas, que, segundo seu projeto, deveriam ter “capacidade de competir com as máquinas das fábricas japonesas”.

“Para chegar a este ponto” – conta Angel Guelman –, “a partir do primeiro contato com a FBM, em agosto do ano passado, envolvida em problemas técnicos e financeiros, tivemos de, ao assumir seu controle, promover o aumento de seu capital de Cr\$ 30 milhões para Cr\$ 120 milhões e iniciar a produção de motos dentro de altos padrões técnicos e em ritmo

acelerado.” O atual diretor-presidente da FBM, um experiente empresário do setor que durante 15 anos trabalhou na fabricação de motos no Uruguai, ao comprar a fábrica que desde 1975 havia produzido um total de cinco mil máquinas, propôs-se a fabricar nada menos que 8 mil, somente até o final deste ano, lançando uma série de modelos agora iniciada com a Kapra 125 Trail com planos de chegar até uma 650 cc, com 4 cilindros, passando por uma 200 cc Street e outra 125 cc Trail, com 18 HP e suspensão monochoque – todas em desenvolvimento no Departamento de Engenharia da indústria.

Ao iniciar o projeto de recuperação da empresa gaúcha, no último semestre de 82, Guelman, ao fazer o diagnóstico da situação, detectou a existência de várias deficiências nos produtos comercializados até aquela época e grande ineficiência quanto à cobertura de assistência técnica. “Esses dois fatores” – salienta – “comprometiam seriamente a imagem da fábrica. Não hesitamos em investir Cr\$ 55 milhões em maquinaria e

ferramental para reequipar a área industrial, aumentar o quadro pessoal de 50 para 85 funcionários (este ano serão 150), colocando assim a fábrica, rapidamente, em condições de produzir dentro de altos padrões de qualidade. Ao mesmo tempo, contratamos na Itália o projetista de motos Armando Pizzuti, um especialista com 35 anos que, criando soluções revolucionárias como a configuração do quadro, é um dos seus grandes trunfos.”

Para Guelman, o segundo ponto de estrangulamento da FBM até o ano passado estava justamente na ausência de cobertura técnica aos consumidores. Propusemo-nos então, a criar uma eficiente rede em todo o País, de forma a garantir a assistência contínua a todos os produtos lançados. Destacamos 25 técnicos para garantir toda a cobertura pós-venda de nosso primeiro modelo e iniciamos a instalação de um total de 160 distribuidores nas principais cidades brasileiras, além de 250 oficinas autorizadas para toda a assistência necessária. Só no Estado de São Paulo já estamos em fase de instalação de 45 revendedores e em negociação com outros 10 no Rio, 30 em Minas e 25 no Paraná. Rapidamente cobriremos todo o território nacional.

COMO É A KAPRA – Ao iniciar a produção da Kapra, a nova FBM partiu da constatação de que, segundo seus estudos, nenhuma das opções existentes até no mercado da categoria Trail 125 atendia verdadeiramente às exigências do consumidor. “Creio que atingimos o objetivo de ocupar este espaço” – afirma Guelman –, criando uma máquina que apresenta invejáveis características estéticas, de resistência, durabilidade e fortaleza, dentro de um preço altamente competitivo: Cr\$ 625.000,00.”

A Kapra 125 é equipada com motor Zanel-la, licenciado pela Minarelli, de 15 HP. Com carburador Del’orto, a máquina apresenta, segundo seus fabricantes, potência e torque incomparáveis em sua categoria, além de se marcar também pela durabilidade e robustez muito buscada por consumidores deste tipo de motos. “É no desenho desta máquina que estamos confiando muito. O porte da moto é impressionante, pois ela é muito mais alta que as concorrentes e seu quadro foi projetado para ser o melhor, tanto em sua forma como no material, o que, seguramente, vai agradar aos consumidores” – diz ele.

O escapamento da Kapra foi desenhado para sair pela parte superior do chassi, o que lhe empresta, conforme acentua a FBM, maior praticidade em terrenos alagados e também maior agressividade ao desenho da moto. Apoiando o lançamento da Kapra 125, a FBM passou a desenvolver a partir de São Paulo a nova ofensiva mercadológica da empresa, com base na atuação da Roxbury, empresa responsável pelos projetos de pesquisa, publicidade, marketing e distribuição das motos. ●

José Fernando Lefcadito Álvares, de São Paulo

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



O bebê de Mogi é privilegiado em relação a SP



O peso tem relação direta com a nutrição da mãe

O bebê mogiano

A fundação Seade estuda os nascimentos em Mogi e diz que a mulher de mais posse prefere a cesariana.

Quanto maior o poder aquisitivo da mulher de Mogi das Cruzes, maior será a sua chance de ser submetida a partos cesáreos. Ao contrário, entre as mães de camadas inferiores da população, o índice de partos normais será rigorosamente proporcional à sua pobreza. Essa é uma das conclusões da Fundação Seade, órgão do governo do Estado da área de análise de dados, que apresenta ainda outros dados estatísticos que mostram a realidade de saúde do município a partir do estudo do tipo de parto e do peso do recém-nascido vivo. O peso dos bebês (diretamente relacionado às condições nutricionais durante a gestação) é sempre proporcional às condições sócio-econômicas da mãe. Outras comparações são feitas, como a cor da criança, o risco de mortalidade ou o grau de instrução da gestante.

Entre os meses de janeiro e junho de 1980, o demógrafo Luís Patrício Ortis, do Grupo Especial de Análise Demográfica da Fundação Seade, resolveu tabular todos os nascimentos vivos de Mogi das Cruzes, cujo trabalho completo foi apresentado na última reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em julho em Campinas. Esses dados são agora divulgados com exclusividade pela revista **ATO**.

PESO, IMPORTANTE – Segundo Ortis, que analisou 3.608 nascimentos, o índice de 8,15% referente ao conjunto dos recém-nascidos com peso abaixo de 2.500 gramas, considerado abaixo do normal, é superior ao constatado na Califórnia, nos EUA (7,6%), mas inferior ao verificado em São Paulo (9,7%) ou mesmo em Ribeirão Preto, cidade interiorana de boa qualidade de vida (8,7%).

O que essas estatísticas mostram, além da simples curiosidade dos números? Para o demógrafo da Seade, pode-se afirmar com segurança que, apesar de uma situação pri-

viligiada em relação à própria Capital, por exemplo, Mogi das Cruzes ainda tem problemas sérios. Se, de um lado, existe um setor secundário bastante desenvolvido (que proporciona aos trabalhadores ao menos o auxílio da Previdência Social), de outro, pode-se chegar a duas deduções importantes: 1) o tipo de parto está fortemente condicionado pela situação sócio-econômica da família; 2) a proporcão de crianças nascidas com peso baixo ou deficiente aumenta ao diminuir o grau de escolaridade da mãe; 3) a cor da criança é variável conforme as características nutricionais da população.

O primeiro item é extremamente revelador. Ortis conseguiu provar que, na medida em que se eleva o nível de instrução da mãe (e portanto de renda), aumenta a proporcão de operações cesáreas. Cerca de 55% dos partos de mulheres com nível de escolaridade superior foram cesáreos, proporcão esta mais de duas vezes maior que a encontrada para mães sem instrução. Inversamente, aumenta o número de partos normais à medida que diminui o peso da criança. Estabelece-se, então, um círculo vicioso: quanto mais baixa a nutrição, menor será o peso do bebê e mais chances a mãe terá de submeter-se a um parto normal.

Como explicar essa tendência em promover cesarianas em maior proporcão entre as gestantes de maior poder aquisitivo, que procuram as maternidades particulares? Ortis não discute essa questão – nem era esse o seu objetivo –, mas é antiga a denúncia da própria classe médica da existência de uma tendência nos hospitais de se promover as cesarianas em casos desnecessários, por mero interesse comercial. O Brasil, acredita-se, tem um dos índices mais altos de operações cesáreas em todo o mundo.



Ortis: avaliando a natalidade

O quadro fica ainda mais claro quando o estudo de Ortis apresenta outras comparações. No que se refere ao grau de instrução da mãe, conseguiu-se apurar que o índice de bebês que nascem com peso abaixo de 3 quilos foi de 24% para as mães com nível superior, 29% para as de nível colegial, 31% para as que completaram o 1.º grau e de 35% para as mães sem instrução escolar. (Nesse quadro, o demógrafo englobou também a faixa de crianças entre 2.500 e 3.000 gramas, considerada deficiente.)

Mais ainda: a proporcão de recém-nascidos com peso inferior a 3 quilos é de 29% para as crianças brancas, contra um índice mais elevado de 35% para as crianças não-brancas, entre as quais a situação mais desfavorável é verificada entre as pardas (mais de 35%), seguindo-se as de cor amarela e negra no mesmo nível (34%).

Por fim, são mostrados os dados de mortalidade em Mogi das Cruzes, podendo-se concluir que os riscos de morte neonatal de crianças que nascem com peso favorável (superior a 2,5 quilos) é 11 vezes menor em relação à criança com baixo peso. O risco de morte dos menores de um dia com peso baixo é de 70 por mil, enquanto entre os de peso favorável o risco é praticamente nulo.



Gaó: desde cedo vivendo o *show business* americano



Em Mogi, ensinando e compondo.

VIDA

O maestro andarilho

Gaó começou tocando piano em lojas de partituras, participou dos grandes musicais brasileiros dos anos 50 e mudou-se para os Estados Unidos, onde fez sucesso com sua banda

Aos 15 anos, em 1924, quando trabalhava em São Paulo numa loja que vendia partituras musicais, dedilhando-as ao piano para os fregueses, Odmir Amaral Gurgel recebeu sugestão de um cliente. Por que não adotar o nome artístico de Gaó, junção ao inverso das três primeiras letras de seu nome? Ele gostou e nos 58 anos seguintes apresentou-se com esse nome por alguns dos mais sofisticados e milionários palcos da noite mundial. Em 1937, a convite de Mário de Andrade, de quem fora aluno, Gaó dirigiu a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, mas a esse tempo, na década de 30, já comandara, como regente e pianista, os músicos da Rádio Nacional do Rio — época romântica e calma em que o Brasil inteiro sonhava com as fantasias e emoções transmitidas pelo rádio.

Este maestro de 73 anos, nascido em Salto, cidadezinha do interior paulista, despontava

bem antes, em 1929, ao entrar para a história do cinema nacional com "Coisas Nossas", o primeiro filme sonoro brasileiro cuja parte musical ele regeu, além, ainda, de ter a glória de participar como figurante. No Brasil Gaó viveu os derradeiros momentos dos grandes musicais ao montar a famosa Orquestra Colúmbia, que depois o acompanhou durante seis anos no Cassino da Urca, no Rio, batizada de Gaó e sua orquestra.

Não é tudo na carreira de Gaó, um cáustico crítico que detesta o ruído nas músicas, não sendo condescendente nem mesmo com os Beatles ou cantores como Elvis Presley. Atraído pelos grandes *band-leaders* americanos, embarcou para os Estados Unidos, onde viveu 23 anos — talvez o mais importante e feliz período de sua carreira —, trabalhando em palcos onde pisavam também Carmen Miranda e Frank Sinatra. Pois esse maestro, filho de um chefe de banda em Salto e que es-

tudou piano orientado pela sua mãe, mora em Mogi desde 1968, onde veio parar desde que o clima frio de Nova York o trouxe de volta ao Brasil. Acabou sendo convidado para dirigir o Teatro Municipal, mas seus planos esbarraaram no raquitismo das verbas — e na falta de tradição artística da cidade. Há alguns dias, entre uma aula e outra a seus alunos particulares, na sua confortável residência da Olegário de Paiva, comprada com os dólares que economizou nos EUA, e onde também prepara as músicas para o filme do cartunista Maurício de Souza, Gaó falou à ATO.

O Nelson Rockefeller assinou o meu visto

ATO — Em 1945, o maestro Gaó já era um nome respeitado e muito requisitado no Brasil. Por que, então, a ida aos EUA?

GAÓ — Naquela época o Cassino da Urca

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83

andou pererecando e ia fechar. Antes que isso acontecesse, recebi convite da Rádio Globo do Rio para ser seu diretor artístico, apesar do receio, pois estava no cassino há seis anos. Foi bom, pois logo depois o general Dutra fechou-os todos. Porém, ao assinar o contrato com a Rádio Globo, fiz questão de uma cláusula tornando sem efeito o documento no momento que eu resolvesse ir para os Estados Unidos. Essa era uma idéia que tinha desde os 18 anos, quando tive um contrato para ir e meu pai não autorizou. Juntei um dinheirinho e, por uma carta, expliquei aos diretores que só iria passear.

ATO – Passear numa época tão difícil, quando a guerra mal terminara?

GAÓ – Houve grandes dificuldades, desde o embarque. O navio que trouxe as tropas brasileiras da Itália havia aportado no Rio e, para que não fosse vazio para a América do Norte, estavam vendendo passagens. O problema é que eu não conseguia visto para lá. Fui procurar a filha de Getúlio Vargas, Darcy Vargas, para quem havia dirigido alguns espetáculos beneficentes, como o **Joux-Joux Balagandans**. Expliquei o problema e ela ligou imediatamente para o Nelson Rockefeller, que era o encarregado do *Latin American Affairs* no Brasil. Ele telefonou ao embaixador e lá fui eu, todo feliz. Meti a cara, pensando que sabia inglês!

ATO – Af os problemas começaram...

GAÓ – Exato. Eu não podia trabalhar, primeiro porque o visto não era permanente e depois por não pertencer à União dos Músicos. Comecei tocando em festas beneficentes, em hospitais para feridos de guerra, aliás ganhei até medalha por isso. Numa dessas ocasiões, um agente de artistas ofereceu-me um contrato. Era a oportunidade de permanecer nos Estados Unidos. Vim para o Brasil, depois de assinar um contrato para me apresentar na Copacabana de Nova York, onde trabalhavam grandes nomes como Carmen Miranda e Frank Sinatra. Conversei com a direção da Rádio Globo, vendi todos os meus trecos e fui para Nova York com minha esposa e filho, onde organizei minha orquestra.

ATO – O que significava ser um músico brasileiro em Nova York?

GAÓ – Muito pouco, e essa era uma das minhas constantes preocupações: mostrar que aqui também existia uma escola de música. Certa vez, no *Nola Studio*, uma casa que alugava estúdios para ensaios, estava com minha orquestra, quando um músico da orquestra de Tommy Dorsey entrou e me viu tocando "Tico-Tico no Fubá", o meu grande sucesso. O músico impressionou-se e quis saber de onde eu era. Não acreditou na resposta que ouviu. Foi uma glória e eu jamais deixei de pedir que nas minhas apresentações me anunciassem como músico brasileiro.

Fiquei esperando duas horas o Walter Clark

ATO – Por que a volta ao Brasil?

GAÓ – Eu não voltaria tão cedo e talvez nem viesse definitivamente. Estava muito feliz e acho até que devo àqueles anos todos lá a minha boa forma. Tinha uma vida sossegada



Nos EUA, pisando os mesmos palcos de Sinatra e Carmen Miranda.

e um agente que cuidava de todos os meus negócios, avisando onde deveria tocar. Washington, Nova York ou Dallas, onde, aliás, quase toquei na boate de Jack Rubi, aquele que matou Lee Harvey Oswald, o assassino do John Kennedy. A vida era muito boa, até que apanhei uma infecção na garganta e minha mulher, uma sinusite que infernizaram nossas vidas. Passei dois meses com febre diariamente, sem parar de trabalhar, até que um médico nos aconselhou outro clima. Tentei ser transferido, na União dos Músicos, para a Califórnia ou Miami, mas não consegui. Lá havia músicos apresentando-se em troca de comida, e a União negou o pedido. Voltei para o Brasil por esta razão, apesar de muita gente pensar que estava passando fome.

ATO – De volta a seu país, onde já tinha discos gravados, como foi a recepção?

GAÓ – Fui logo ao Rio de Janeiro falar com o Walter Clark, da Globo, pois queria voltar às minhas atividades. Ele me fez esperar, saiu pelos fundos para não me atender. Af começou a decepção: minha própria terra, onde eu havia chegado depois de 23 anos, não me recebia bem. Comecei a frequentar os estúdios e a reação eram caras feias, até na Odeon, de quem era exclusivo.

ATO – Como Gaó chegou a Mogi?

GAÓ – Viemos morar aqui por causa dos parentes, de meus sogros e cunhados, a família Fontana. Compramos esta casa e estou muito bem aqui, não me arrependi de ter concordado com minha esposa de vir morar em Mogi, onde recebi até convite para dirigir o Teatro Municipal.

ATO – E por que não aceitou?

GAÓ – Eu aceitei o convite do prefeito Waldemar Costa Filho e comecei a trabalhar.

Fui a São Paulo muitas vezes tratar dos espetáculos, falar com o secretário da Cultura, isso há cerca de dois anos. Acontece que meus planos, na opinião de muitos e do prefeito, eram faraônicos porque precisavam de verbas. Eu queria trazer um Rubinstein para que os mogianos o conhecessem de perto. Precisava de dinheiro, e o Waldemar dizia que não havia verbas. Um dia, disse numa entrevista que o problema era este e soube que ele se queimou. Af brigamos e pedi demissão. Não é possível trabalhar sem verbas.

A tragédia começou com Elvis e os Beatles

ATO – Os novos administradores podem inverter essa situação...

GAÓ – Uma coisa depende de outra. A boa vontade de um vereador não conseguirá criar na cidade uma academia de música se não tiver verbas. Vemos, por exemplo, um Centro Mello Freire morrendo de inanição. Vemos, por outro lado, em revistas japonesas, fotos de mais de mil crianças tocando violino. No Brasil inteiro não há mil violinistas. Isto desanima. Nossas orquestras, há pouco tempo, contrataram músicos da Suíça. Por quê? Porque os daqui não estudam. E por que não estudam? Porque não há escolas. E por que não há escolas? Porque não há verbas. É um círculo vicioso. Tenho esperança de que ainda surjam nomes para cuidar da parte artística, com entusiasmo, mas com verbas. O prefeito pode ter boa vontade, mas em primeiro lugar vem o calçamento de ruas, esgotos. Não chega a fazer tudo o que quer e não sobram verbas para a arte. A prova é o Teatro Municipal que está af.

Quando o Banco faz mais,

Uma coisa é óbvia. Quando um Banco trabalha de maneira descomplicada você sempre ganha rapidez, eficiência e muito mais tempo para tomar um cafezinho com o gerente.

O Banco Real é especializado em descomplicar a vida de seus clientes. A começar pela rede de agências espalhadas pelo Brasil afóra: são quase 600 agências em plena atividade.

E para completar, em todas essas agências, você encontra os serviços mais descomplicados, rápidos e eficientes do país. São serviços que facilitam sua vida, quando você precisa de um dinheiro fora de hora.

No Banco Real você conta com o Realmatic - Caixa Automático - onde você pode fazer até 7 saques por dia, de Cr\$ 4.000,00 cada um. E com uma vantagem: o Cartão é devolvido na hora, após cada operação.

Sendo cliente do Banco Real você pode obter o Realmaster, uma conta especial que lhe dá a tranquilidade de um saldo extra em sua conta-corrente, com uma exclusividade do Banco Real: você pode usá-la até 7 dias por mês, sem pagar juros.

E todo bom cliente do Banco Real tem uma identificação no comércio através do Cartão Real: com um limite que vai até Cr\$ 50.000,00. Ele permite saque de cheques em todas as agências do Banco Real no Brasil, e sempre que usado no Realmatic, fica com você para ser usado novamente.

Ser cliente do Banco Real é trabalhar com um banco que facilita tudo para você.

BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes.



Na América, viveu como gosta, até ter problemas de saúde.

ATO – E a música de hoje?

GAÓ – Eu tenho esperança que os jovens abram os olhos e vejam o caminho certo. O que estão fazendo em música popular é ruim demais. Estou afastado propositalmente deste ambiente porque causa dissabores, polêmicas, pois gosto de dizer a verdade. Um grupo de estudantes esteve comigo e eu disse que a música deles não valia nada, era lixo – que barulho não é música. Eles se zangaram, acharam que o maestro “está por fora”, atrasado e assim por diante.

ATO – Então, a música eletrônica...

GAÓ – É a prova de que a música está em decadência. Meu Deus do Céu, o que é música? Música é a arte e a ciência de combinar os sons de maneira a agradar o ouvido. Arte porque você cria, ciência porque existem os números. A música dos jovens de hoje não agrada aos ouvidos, portanto é ruído, constante, contínuo e quanto mais forte melhor, tanto que hoje eles já sofrem da audição.

ATO – Quando começou essa decadência?

GAÓ – Acho que os Beatles na Inglaterra e Elvis Presley na América são os culpados dessa tragédia. Há músicas dos Beatles, como *Yesterday* que são bonitas, mas apresentadas de forma que não me agradam. *Yesterday* com outro arranjo, com uma orquestra, é aproveitável. Parto de um princípio: quantos anos tem a música de Bach? Mais de 300. Essa é jovem, é boa, serve. Já a música de Roberto Carlos daqui a um ano ninguém mais sabe que

existiu, não permanece e o que não permanece é porque não serve.

ATO – E as músicas para o filme de Maurício de Souza?

GAÓ – Eu já fiz várias músicas para os bonecos do Maurício e, felizmente obtiveram grande sucesso nos discos lançados. Vamos ver agora as composições deste filme.

ATO – E seus novos planos?

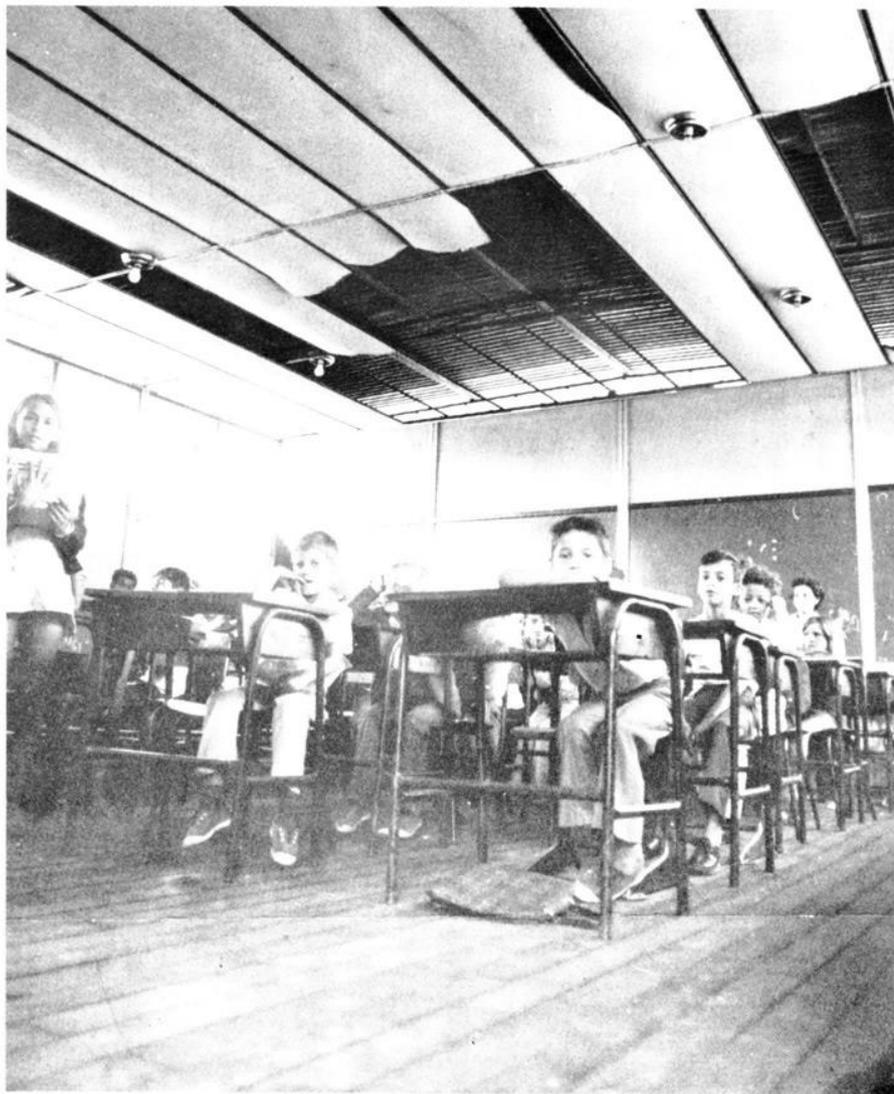
GAÓ – Estou esperando com ansiedade o livro que contará minha vida, escrito pela mogiana Botyra Camorim. Vai chamar-se “Sonata em Quatro Movimentos”. O primeiro movimento refere-se a Salto, onde nasci; o segundo a São Paulo, onde estudei; o terceiro ao Rio de Janeiro, onde trabalhei muito tempo; e o quarto a Nova York. O livro foi escrito depois de muitas pesquisas e já deveria ter saído. O que está segurando é a falta de dinheiro, sempre as verbas.

ATO – Será o balanço de toda uma carreira...

GAÓ – Correto. Aliás, se eu tivesse de começar tudo de novo, iria iniciar estudando música, porque grande parte dessa vontade de viver que tenho veio da música. Ela é minha cachaça. Quando estou aborrecido vou para o piano e esqueço. Quando estou alegre, vou para o piano e extravazo minha alegria. Ela é essencial. Deixei todos os vícios para ficar só com ela, no meu piano ou ouvindo minhas sinfonias de Beethoven ou composições de Tchaikovski. •

Vanice Assaz

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



Pró-Leste: um método novo e mais eficiente na alfabetização

EDUCAÇÃO

Ensino rápido

Mesmo sem apoio, Pró-Leste apresenta bom rendimento

Embora ainda enfrente problemas sérios, como a falta de apoio, o projeto de alfabetização de Mogi das Cruzes, Pró-Leste, testado desde 1977 em escolas de bairros periféricos de Mogi e Suzano, já conseguiu resultados excelentes: criado pelo psicólogo Sérgio Antônio da Silva Leite, 36 anos, professor da Universidade de Mogi das Cruzes, o Pró-Leste, em seu primeiro ano, superou em 27% os índices de aprovação na primeira série do 1.º grau em 30 escolas da rede pública. Das 559 crianças alfabetizadas pelo método, 88% foram promovidas para a seguinte série, enquanto a aprovação em outras escolas atingia a modesta marca de 61% dos 13.244 estudantes matriculados.

Em 1981, contudo, a diferença entre os

dois índices caiu para 9%, pois o projeto aprovou somente 69% do número total de matriculados e nas demais escolas a promoção chegou a 60%. "Há necessidade de maior equipe de profissionais acompanhando os trabalhos", concluiu Eulálio Gruppi, 51 anos, diretor da Divisão Regional de Ensino - 5 destes em Mogi das Cruzes, para quem a eficiência do programa aplicado a alunos da periferia, candidatos certos à reprovação, está comprovada.

Faltam, no entanto, condições para o seu completo desenvolvimento, situação piorada com a grande rotatividade de professores e diretores, mais a ausência de coordenadores pedagógicos na maioria das escolas. Não bastasse isso, há ainda as remoções que a Secretaria da Educação não conseguiu evitar na região de Mogi das Cruzes (em cada classe de primeira série passam, em média, cinco professores, e isso desmonta qualquer método de ensino).

Em 1982, o Pró-Leste foi aplicado a 4.207 alunos distribuídos por 25 escolas, mas, ape-

o cliente faz menos.

Realmaster

Conta especial para você comprar tudo que precisa. Usando até 7 dias por mês você não paga juros.



Cartão Real

Com ele você utiliza o Realmatic ou saca cheques em qualquer agência do Banco Real. Seguro e personalizado.



Realmatic

Um dinheiro extra no meio da noite? É só recorrer ao Caixa Automático Realmatic. Você saca até 7 vezes no mesmo dia.



BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes.

sar de ser método simples, necessita de um mínimo de organização. Por isso, agora, é preciso conhecer que rumos tomará a Secretaria da Educação do novo governo para definir o futuro do Pró-Leste, na verdade, uma alternativa para a alfabetização das crianças marginalizadas. Inicialmente, explica Sérgio Antônio da Silva Leite, o criador do método, "ensina-se a escrever e ler palavras formadas por sílabas simples, com apenas uma consoante e uma vogal. E, em seguida, o aluno é levado a ler e escrever palavras e orações usando as formas mais difíceis da língua como *rr* e *m* antes de *p* e *b*. Na última fase, são apresentados os casos de homofonias, "ss" e "ch". As avaliações da aprendizagem são realizadas individualmente ao término de cada etapa, e o estudante somente passa para a fase seguinte se obtiver 100% de aprovação, respeitando-se, assim, o ritmo de cada um".

Sérgio Antônio da Silva Leite vê com satisfação os resultados do seu projeto, único em desenvolvimento com o objetivo de elevar a qualidade da alfabetização em escolas da rede pública, mas desconfia que as dificuldades existentes no ensino de 1.º grau "são políticas e não pedagógicas". "A partir do momento em que for adotada nova política educacional – diz ele –, voltada muito mais para a qualidade e não tanto para a quantidade, e com maiores investimentos em escolas estaduais, realmente será possível expandir projetos como este" – acredita o psicólogo.

Lenilde Pacheco



Silva Leite: criando o método e agora buscando mais apoio.



**HORÁCIO
DE
OLIVEIRA**

DISTRIBUIDORA DE AZULEJOS,
PISOS E SANITÁRIOS

O acabamento final de sua casa
necessita de muito carinho.
Tanto quanto o que foi prestado
no instante do primeiro traço
do seu projeto. É fundamental existir
uma completa harmonia entre
a beleza exterior da residência
e o seu interior. E você já sabe.
Azulejos, pisos e peças sanitárias,
lajotas e qualquer material de acabamento
é na Casa Oliveira.

Matriz:
R. Cel. Souza Franco, 499
Fones: 469.2822 - 469.2847
Exposição:
R. Barão de Jaceguai, 481

"56 ANOS TRABALHANDO POR MOGI".

METROPOLITANA FM

STEREO



MOGI DAS CRUZES

**Nunca se falou com tantos,
em tão pouco tempo.**



O verão, um período mágico que encanta e liberta corpo e mente

REPORTAGEM DE CAPA

Em busca do Sol

O sol alegra as pessoas, anima as vendas e modifica o humor da cidade. A vida, assim, até depois do carnaval, gira em torno de bares, encontros, piscinas e praias.

Leve, descontraído e preguiçoso, o verão mogiano mudou o humor da cidade. Nas vitrinas a moda embala a descontração fazendo as malas daqueles que vão desembarcar nas praias do Guarujá até Ubatuba, ou dos que ficam para curtir as piscinas, bares e conversas de fim de tarde. O verão, antes de tudo, é um estado de espírito – o tempo certo para a liberdade das roupas, a vontade de andar descalço e a vaidade de exibir o corpo bronzeado. Esse reinado do sol que começou às 7h30 do dia 22 de dezembro tem seus segredos e apelos. Todos querem divertir-se, mostrar-se – e, se possível, fazer apenas o indispensável.

Por isso, desde o final do ano, costuma sobrar mais tempo para compras, reuniões amenas, bares noturnos. O trabalho, só mesmo o essencial. Vive-se melhor no verão. O retrato

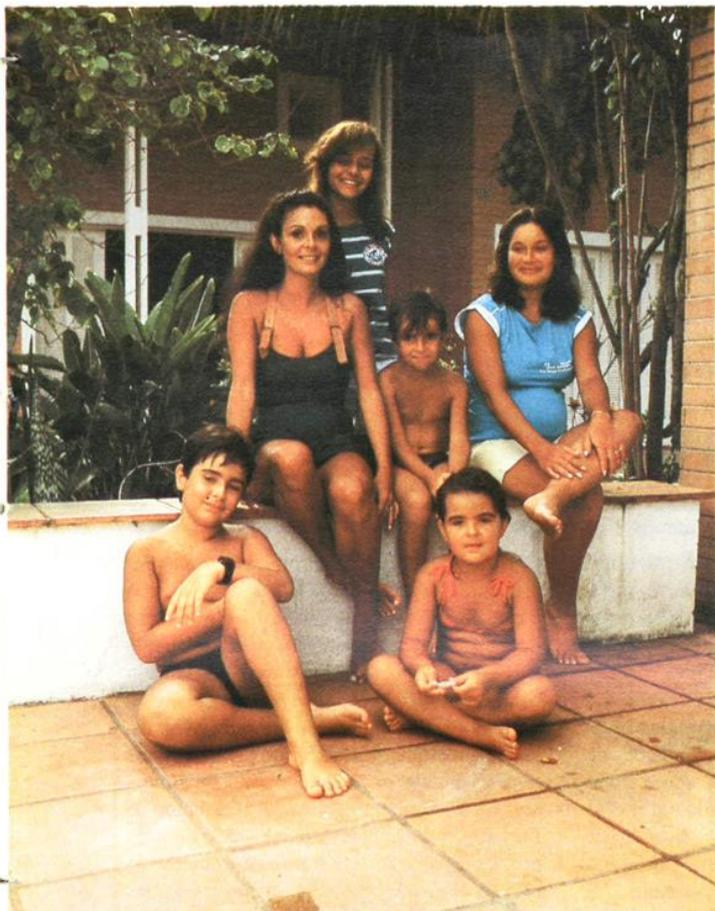
fiel dessa estação está em muitos lugares, mas principalmente nas butiques. Angue, Griffus, Lucy, BBC Vanguarda, Vila Rica, Chucha, Lançage começaram cedo a mostrar a moda Primavera-Verão com suas peças de intenso colorido e ligeiramente provocantes. Agora, no Alto Verão, surgiu o segredo bem guardado para forçar novas compras – os tons da moda são os pastéis, suaves e claros.

CASA CHEIA – Jogar tênis de madrugada é uma das ocupações que Antônio Luiz e Eleny Nicolini programam durante o verão, que passam há quatro anos na praia da Enseada, no Guarujá. Já na passagem do ano, os hóspedes que freqüentam a casa 47 da rua Argentina iniciam o culto ao verão. Todos de branco, com oferendas a lemanjá, vão dar os tradicionais sete pulos em sete ondas do mar. “Aqui a praia é limpa, o mar não tem poluição e posso

ir com as crianças em qualquer lugar, porque só se vê gente boa – e importante, gente bonita”, diz Eleny, 28 anos, estudante de Propaganda e Publicidade na Universidade de Mogi das Cruzes, que geralmente passa as semanas com os filhos Allan, Alexei e Audrey, para nos sábados e domingos comandar a autêntica invasão de sua casa. “Não venho para cá se não tiver a certeza de que a casa vai ficar cheia. Temos capacidade para 26 pessoas, mas muitas vezes esse número dobra” – conta satisfeita. O verão dos Nicolini também inclui passeios na lancha *SS Britânica II*, do advogado Jair Monsorens, cunhado de Eleny. Há também o trote nos novatos, série de brincadeiras para ambientar os não iniciados no estilo de férias da casa.

É no Guarujá também que veraneiam os médicos Roberta e José Carlos de Toledo,

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



Eleni: casa cheia, muita alegria e trotes

Edda e Jamil Nassri, Eny e Arnaldo Silva, Geni e Vasconcelos Mendes e o novo prefeito Antônio Carlos Machado Teixeira e sua mulher Miriam, que neste ano preferiram descansar da batalha das eleições em lugares diferentes: Machado foi para os Estados Unidos em viagem de lazer e observação, enquanto Miriam e os filhos seguiram para Foz do Iguaçu. Não são poucos os mogianos que preferem o Exterior: o cirurgião plástico Celso Barreiros voou para Miami, mesmo destino tomado pelo figurinista Fran Carvalho e Percival Urizzi de Lima. Edson Éboli e Walter Pereira Júnior fecharam um pacote turístico com a Transbrasil local e desembarcaram no Epcot Center, o novo sonho de Disney, onde também estiveram Roberto e Denise Feder.

IDA E VOLTA – Bertioga enfrenta o seu primeiro verão depois da estrada. José Maria Cardoso, um aposentado, 48 anos, pode ser encontrado todos os feriados, fins de semana e "dias bonitos de sol" no conhecido "Bar do Seu Antônio", na praia do Indaiá, empolgado com o som do "Mogi Samba Trio", de "Caldeirão", Josimar e "João Corinho" que espalham de um surdo, um pandeiro e um violão. "Bertioga é muito perto. Vale mais viajar toda hora e dormir lá em casa. Vou fazer isso o verão todo, gastando o 13.º sem me importar se há sol ou não."

O lazer, evidentemente, não é privilégio da ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



Windsurf: fazendo a cabeça dos jovens

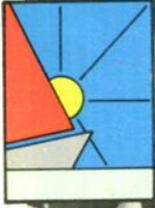


José Maria e "Caldeirão": ao som do Mogi Samba Trio



Thomaz: exibindo o guaiá

elite, e a maioria dos mogianos que enfrenta Bertioga neste verão cumpre o mesmo ritual: eles descem para a praia em ônibus e cobrem as areias do Indaiá e São Lourenço com cestas, churrasqueiras e latas de cerveja, gastando pouco e nem de longe gerando o esperado desenvolvimento ao distrito santista. Há queixas: segundo os comerciantes, o verão promete também muitos roubos e assaltos, "coisa que não existia aqui antes dessa Mogi-Bertioga". Roberto Thomaz, 43 anos, proprietário da lanchonete do campus da Federação das Faculdades Braz Cubas, não se importa muito com esses problemas. Frequentando Bertioga desde 1964, seu verão não tem outro



Ferraz: sem tensão e com a família

sentido a não ser as pescarias que ele inicia bem cedo. "Volto sempre com peixe para o almoço", diz ele, com orgulho, mostrando um enorme guaiá que se enrosca pelo seu pescoço, ou pedaço de um gigantesco cação, já limpo e congelado nos freezers que mantêm na sua residência da rua I, no Indaiá. Sua filha Rosana gosta de esquiar na lancha "Zamot's", mas tem especial predileção pelo seu windsurf de velas vermelha e branca, esporte que, ao lado das corridas de caiaques, está fazendo a cabeça da juventude no verão 83.

DOR DE DENTE – As pescarias e os esportes não fazem parte do verão do delegado mogiano Walter Alexandre Ferraz, 34 anos. Frequentando Bertioga há 16 anos, ele comprou sua casa de praia há dois e lá passa com a esposa Cleide e os filhos Ana Paula e Caio Augusto todas as folgas de plantão, dedicando-se à marcenaria e ao acabamento da residência. "Aqui faço tudo o que não posso



Deise: "Um dia de sol é certeza de um tempo inteiro de bom humor".

fazer em Mogi: trabalho com madeira, corto grama, vou à praia e aproveito para curtir mais minha família, aliviando a tensão emocional das minhas atividades." O dentista e ex-candidato a vereador Jefferson da Silva, a mulher Aderli e os filhos Cíntia e Cristiana são seus hóspedes. "A gente vem mais é pelas crianças, pois em Mogi não há condições de ter uma infância como tivemos, com espaço para correr e brincar. Esqueço de tudo, e só lembro que sou dentista se alguém tiver dor de dente, hora que uso os materiais que trago numa maleta para atender os mais amigos", conta Jefferson.

Longe da agitação das praias de Indaiá e São Lourenço, curte-se – e bem – o verão. Entre Bertioga e São Sebastião, na praia do Juqueí, perto da residência do superintendente da Dresser, João Manoel Reis, que passou o começo da estação na Europa, Sandra e Luciano de Castro Affonso saboreiam a calma

do lugar ao lado dos filhos Maria Cristina, Fabrício e Maria Beatriz. "Nós percorremos desde Guarujá até Ubatuba e finalmente nos decidimos pela casa aqui em Juqueí, lugar que a Sandra mais gostava. Passamos o verão todo aqui, carnaval e os feriados mais longos. Não foi uma escolha muito difícil, já que o Guarujá tem um esquema mais rígido e aqui ficamos mais à vontade, podendo mesmo fazer as nossas refeições na praia. É um local próximo de Bertioga, mas sem as influências e os graves problemas de infra-estrutura e saneamento de lá", diz Luciano, 42 anos, que passa a temporada em conversas com os vizinhos, banhos de mar, passeios até a praia das Cigarras, outro reduto de mogianos, e as "vistorias" que costuma fazer pelos lugares mais próximos. "porque gosto de ver o desenvolvimento da região". Sandra, 36 anos, estudante de Psicologia na Universidade de Mogi das Cruzes, quando não está na praia, dedica-se à



Os Affonso: janeiro e fevereiro na paradisíaca praia de Juqueí



Zilda: São Francisco só no verão

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



Didita e Tamara: as férias nas Cigarras com Domênica e Bianca

leitura.

Alguns quilômetros depois, já no município de São Sebastião, no bairro de São Francisco, outras famílias mogianas têm no des-

canso a motivação principal deste verão. É o caso de Clara e Alfredo Nahum, que há mais de 30 anos passam as férias por ali, desde a época em que ele começou a vender os terre-

nos de um loteamento feito pelo empresário Thales Urbano. Ao lado da casa de Clara, onde também passam as férias sua nora Madalena Nahum e as netas Juliana e Roberta, ergue-se o inacreditável "Recanto do Januário", onde letras enormes anunciam do alto de uma torre a construção pintada de verde e branco. É ali, em meio ao conforto que a tecnologia de comandos digitais oferece, que a família de Januário Figueira da Silva, um comerciante aposentado de 58 anos, passa todos os meses de verão.

Por ele, a mulher Zilda e a filha Ziza passariam a morar em São Francisco, enquanto ele cuidaria de seu pomar, formado com mudas trazidas inclusive da Europa. "Ele gostaria muito de poder acordar todos os dias olhando para o mar, mas eu gosto muito de São Francisco somente durante as temporadas" diz, Zilda, 57 anos, que passa as manhãs na praia e o restante do dia cuidando dos netos e ajudando a filha casada, "já que os filhos são Bertioga e não abrem, vindo muito raramente por estes lados". Os Figueira da Silva permitem-se confortos como o de um dormitório elevado para se ver o mar logo ao acordar ou então recepcionar visitas ao cair da tarde com champanhe francês bem gelado. Mesmo assim, Zilda prefere dividir seu tempo entre viagens ao Exterior, sua casa em Mogi e os dias de sol na praia.

CASA DO GOVERNADOR – O verão também tem significado especial para Deise Carrião Soares, 30 anos, que troca a cidade pela praia das Cigarras, no final de dezembro, só retornando no carnaval com as filhas Marcela, Renata e Rayane. "O verão influi no estado de espírito de todas as pessoas, e para mim um dia de sol é certeza de um tempo inteiro de bom humor. Fico totalmente à vontade, dividindo as horas entre as praias, as conversas com amigos na piscina do Iate Clube, o baralho e os passeios até São Sebastião. É um tempo de bom humor mesmo" – define ela. Na praia das Cigarras, onde os mogianos ocupam várias quadras, há atualmente o pas-

O verão dos que ficam em Mogi



Lídia Arantes: aproveitando o sol nas piscinas

Os mogianos que não vão veranear nas praias espalhadas entre Guarujá e Ubatuba – ou não embarcam mensalmente entre as 600 pessoas da cidade que escolhem Salvador, Recife e Fortaleza neste verão, segundo dados das agências de turismo de Mogi – aproveitam o calor dividindo o tempo entre piscinas, passeios e a insubstituível cervejinha.

As manhãs de sol lotam os conjuntos aquáticos de todos os clubes e é neles que as pessoas esquecem a frustração de não estarem nas praias, como Lídia Maria Miranda Arantes, 35 anos, que não perde um banho de sol para manter o bronzeado conseguido no Rio de Janeiro, onde passou só uma semana de janeiro, devido aos compromissos do marido, médico pediatra em Mogi. "O verão aqui realmente não é muito bom, mas dá para aproveitar a piscina com as crianças e bater um papo com as amigas que estão na cidade. Nos fins de semana vamos até São Paulo para um cinema ou teatro", conta Lídia.

O pessoal mais jovem, quando não está nas piscinas, curte passeios pelo centro da cidade, especialmente na rua Paulo Fron-



Rita e Sílvia: na Mirella

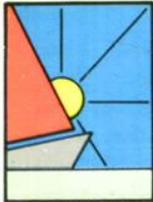
tin, onde, na Mirella, vê a tarde cair comendo pequenas pizzas ou doces. É assim que as estudantes Rita de Cássia Villar, 21 anos, e Sílvia Salti, 19, vivem os dias que permanecem em Mogi. "É, nesta época ninguém fica, e quando podemos caímos fora para o Guarujá transar *wind-surf* ou para Santos. Em Mogi, dá para passear um pouco, e o resto do tempo fica para fazer coisas pessoais" – explica Rita.

À noite, apesar de os bares apresentarem um movimento menor do que no período de aulas, quando os universitários formam a grande clientela, o vaivém também é grande, principalmente nas proximidades da avenida Narciso Yague Guimarães, onde se concentra a maioria dos jovens da cidade. A escolha é ampla e o que comanda o já tradicional rodízio entre o Cerafisto, Estalagem, Pão, Vinho e Poesia, Varanda e Pinheirinho é a paquera. Nos finais de semana, o final da noite e a madrugada ganharam nova atração, a discoteca Sweep, reunindo detalhes de casas famosas como Gallery, Hippopotamus e Regine's – nova opção deste verão, além das reuniões e do baralho com os amigos.



Cecília: vindo de Dorados

satempo extra da movimentação na casa do governador Franco Montoro, acompanhada com atenção por todos os veranistas do local. Lá, enfrentando problemas com pedreiros, acertando os últimos detalhes da obra, Didita Grinberg e sua filha Tamara Redeschi, além das netas Domênica e Bianca, levam os dias de semana entre a praia e as conversas entre amigos. "À tarde, vamos ao Iate Clube ou na casa de outros mogianos; nos finais de se-



Eliana e Ana Fátima: descontração em Ubatuba

mana, quando chegam meu marido, meu pai e minha irmã, muitas vezes fazemos alguns passeios até São Sebastião, mas preferimos mesmo é ficar nas Cigarras, onde as crianças têm total liberdade, sem carros na praia e com muitas pessoas conhecidas", conta Tamara.

Morando em Dourados, no Mato Grosso, Cecília Grinberg Zauith da mesma maneira não dispensa o verão na Cigarras. Lá ela fica com a família não só o *réveillon* – quando a atração máxima da praia é apreciar o espetáculo de fogos de artifício tradicionalmente

montado pelo proprietário das lojas Jean Daniel, que dura mais de uma hora – como janeiro todo, passeando de lancha até Ilhabela, cuidando dos filhos Marcelo e Mariana ou mesmo ficando em casa", uma belíssima construção ao lado do Iate Clube. Já a temporada de verão de Helena Chermann começa em Cigarras no dia 25 de dezembro, cercada por toda a família, desde o marido Maurício, os filhos, genros e netos, até a irmã e mestre de forno e fogão Tirene Caran. "Acho que a minha casa é uma das mais movimentadas



Jussara e Patrícia: beleza e charme no alto verão

desta praia, talvez porque seja em frente ao mar e porque os aperitivos durante e depois dos banhos de sol sejam quase sempre feitos aqui. Passamos o verão despreocupados e arranjando coisas para fazer, principalmente nos dias de chuva, quando temos sempre a idéia de ir para a cozinha fazer comidas diferentes, com a desculpa de que são para as crianças. Depois, a solução é fazer um regime à base de frutas, para continuar na linha", confessa Helena.

GENTE ESPECIAL – "O companheirismo e a animação do verão" seguem o vice-reitor da Universidade de Mogi das Cruzes, Walter de Abreu Garcez, nos meses de janeiro e fevereiro, na praia das Cigarras, pois ele prefere o lugar no mês de julho, quando a temperatura é mais amena. Detesta fazer compras, deixando a tarefa para a mulher, Jane, e os filhos, e então aproveita as tardes, quando não está conversando à beira da piscina do Iate Clube, para "colocar em dia a literatura". Da praia das Cigarras, o verão dos mogianos continua em Caraguatatuba, menos freqüentada agora por causa da Mogi-Bertioga. "As temporadas ficaram melhores", admite o ex-nadador e professor de Educação Física João Pedro Arantes. "Caraguá atualmente recebe menos

Tempo de cerveja, sorvetes...



Carlos e Ivani: desejo de sorvete

A além das butiques, que aproveitam o verão para oferecer dezenas de opções em termos de roupas mais despojadas e descontraídas com obrigatório arsenal de acessórios e complementos, o comércio de bebidas e sorvetes também dispara com o calor. Juntas, as distribuidoras mogianas da Brahma, Antarctica e Skol conseguem colocar no mercado, mensalmente, de dezembro até março, cerca de 170 mil dúzias de cerveja e 90 mil de refrigerantes, números que ainda podem crescer. "Dependendo do calor, a história muda", diz o gerente da Antarctica, Walter de Souza.

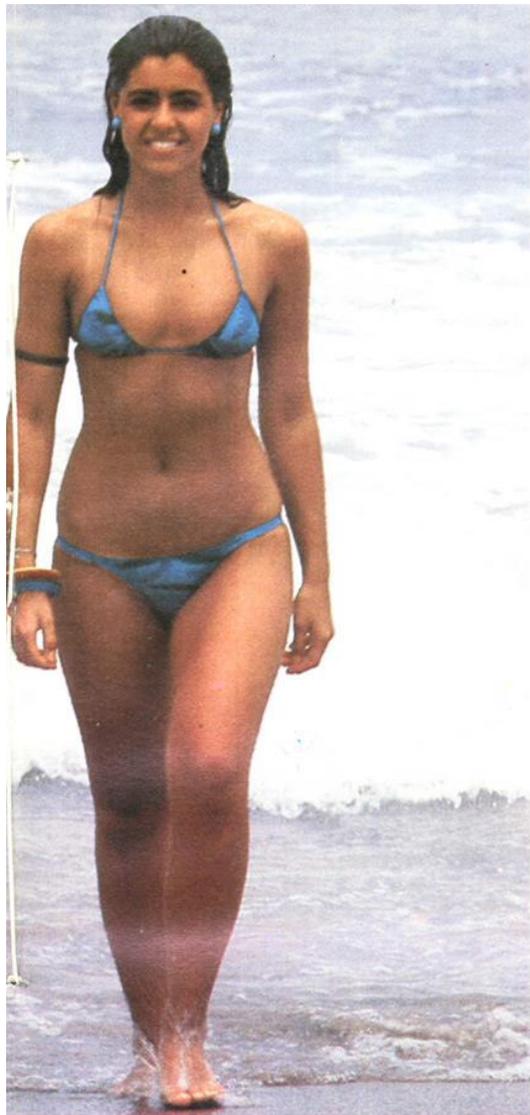
As bebidas dependem do calor, mas o comércio de sorvetes "precisa que o sol esteja rachando mesmo", segundo Reinaldo Lilla, um dos proprietários da Sorvetes Daurinho, firma que mantém quatro



Reinaldo: pelo sol

pontos de venda na cidade, dois em Suzano e ainda fornece o produto para Bertioga. "Se o dia está quente, só com morango, vendemos sorvete, mas o movimento não arpeia e há uma queda sensível nas vendas e não fazemos o movimento dos dias ensolarados, quando há uma saída de 7 mil sorvetes por fim de semana em Mogi e de 3 mil em Bertioga", explica ele.

Mesmo assim, muitos não esperam por um dia de sol para saborear um sorvete e os motivos para isso não se restringem ao calor, como conta Carlos Alberto Claro, acariciando a barriga da mulher Ivani, grávida: "A gente pode curtir um sorvete até porque ela está com desejo. Esperar o sol para isso em Mogi é muito difícil".



mogianos e por isso prefiro o verão aqui, pois muita gente conhecida torna as férias mais monótonas. Além disso, com a invasão de Bertioga, as praias de Caraguá ficaram menos sujas." Afinal, para ele e sua família, a mulher Gláucia e as duas filhas, praia e verão são as melhores coisas do mundo.

O despachante José Maria dos Santos, 30 anos, só vai a Caraguatatuba quando dispõe de um período maior para o lazer. "Nas folgas menores desço para Bertioga, onde curto as mesmas coisas: cerveja com os amigos e praia, esquecendo principalmente dos horários, já que faço questão de deixar o relógio em Mogi." Para os jovens, Caraguatatuba ainda oferece mais atrativos que as simples praias de Bertioga. Vilma Salles Perna, estudante de Administração de Empresas, 19 anos, frequenta as praias da cidade desde criança e acha o pessoal "especial". "Em Caraguá a curtidão é maior. Há vida noturna e a paquera é ótima no Ed's e no Fragatas, com som ao vivo." Com tudo isso - raciocina - impossível pensar em Bertioga - ou arranjar um namorado firme. "O verão é assim mesmo: praias, sol, paqueras e muitas alegria" - conclui.

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



E ISSO ADIANTA?

Cuidado. Pode não ser tudo. Você já pensou na possibilidade de ter um ladrão dentro de sua casa? Pensou no prejuízo?

Não pense nas vidas, pois não queremos vê-lo triste.

Agora, pense que todo este aborrecimento pode ser evitado.

Como? Telefone para 469-6746.



Gezanino

Instalação
Sistema de Alarme e
Segurança Residencial e Comercial

R. Prof. Flaviano de Mello, 1289 - Tel. 469-6746 - Mogi das Cruzes.

Para voar Brasil, fale com a Transbrasil.

Redescubra o que é seu. Pelos quatro cantos do país, a Transbrasil leva você e sua família, com tarifas reduzidas em até 30%, financiadas em até 10 meses. Efetuamos também transporte de cargas e encomendas.



TRANSBRASIL.

BRASIL

É COM A GENTE.

Representante em Mogi:
Andari Passagens, Turismo, Cargas e Encomendas
Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 790 - Fones 469-1851/2866

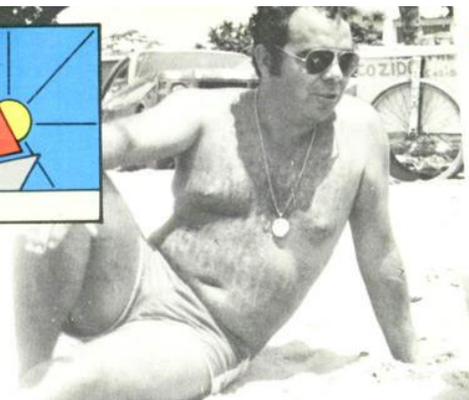
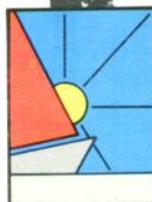


MOGI
construções e comércio Ltda.

**PROJETO,
CONSTRUÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO.**

Márcia Ap. Martins Coelho
ARQUITETO

R. Major Pinheiro Franco, 454 - Tel. 468-1872 - Mogi das Cruzes - SP.



José Maria: esquecendo o relógio



João Pedro: finalmente, praias limpas



Garcez: prefere julho

Em direção a Ubatuba, depois do sofisticado condomínio de Tabatinga, onde o banqueiro Marcos Borestein construiu uma casa formidável, com piscina quase à beira-mar, outra praia preferida é a do Sapê, onde, quando os inúmeros compromissos políticos atuais deixam, é fácil encontrar o deputado estadual Jacob Lopes. Sua casa, aberta para o verão desde o Natal, é um constante vaivém de políticos. "A casa está sempre cheia, mas nos fins de semana há mais gente, porque chegam meu marido, meu irmão, meu pai, primos e amigos. Quando não estamos na praia, vamos a uma cachoeira bem próxima ou visitamos um lugarejo lindo, Sertão. Mas, importante mesmo na nossa temporada é a descontração e a alegria" – resume a filha Eliana, 28 anos, às voltas com os filhos Fábio, Frederico e a sobrinha Priscila, filha de sua cunhada Ana Fátima. O verão, de resto, enche também o tempo de Jussara Prado e Patrícia Masgrau, as moças que fazem esta capa de ATO. "O verão é um tempo exuberante" – diz Jussara, universitária de 20 anos. "É bom demais" – emenda Patrícia, 15 anos, e também estudante. ●

Vanice Assaz

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



TRANSCONTINENTAL
FM
104,7



PROGRAMAÇÃO BEM TRANSADA

Atingindo a um público consumidor ativo de bens e serviços, com sua programação dirigida e diversificada, a Transcontinental vai levar suas mensagens de propaganda aos melhores segmentos de audiência em cada área e horário. Numa região tão desenvolvida econômica e culturalmente falando, fica patenteado o "target" próprio e singular da Transcontinental, não havendo, portanto, possibilidades de desperdício de verbas.



Radio Transcontinental FM
Rua Dr. Deodato Wertheimer, 1413 - Sala 17 A - Sobreloja
Tel.: 468-1300 - Mogi das Cruzes

Caldeirão

EME



MOGI, GOVERNO NOVO, VIDA NOVA

Sob intensa expectativa, MACHADO assumiu a Prefeitura, carregando nos ombros a pesada responsabilidade de gerir os destinos do município, cujo povo, através das urnas, manifestou seu desejo de mudar, votando em MACHADO, na esperança de dias melhores. Desejo ao jovem e novo prefeito uma feliz gestão.

ATAYDE QUASE

No final da gestão passada, por causa de um pagamento, o ex-coordenador ATAYDE DE LIMA esteve a pique de ser demitido às 10 horas e ser readmitido no mesmo dia à tarde. Maiores detalhes com o próprio.

OLÍMPIO, UM "TRATOR"

O novo representante da avicultura na Câmara, vereador OLÍMPIO TOMIYAMA, tem um poder muito grande de "derrubar" presidentes.

Na Cami, conseguiu destronar seu tio FISSAO TANABE e a próxima vítima poderá ser o seu padrinho, dr. ROBERTO NOBUO SATO, presidente da APA.

O presidente da Câmara que se cuida.

JACOB "MINANDO" O PDS

Fiquei sabendo que o futuro deputado estadual JACOB CARDOSO LOPES convidou para sua assessoria política nada mais, nada menos que o ex-candidato a vereador pelo PDS, NELUSCO BORATTO, o NELO, que teria topado a parada de imediato. Se eu fosse o MAURÍCIO NAJAR, daria o troco convidando o JOÃO LADRÃO, que, o por sinal, quebrou a perna e a "cara"

nas últimas eleições, pelo PMDB.

MELO, NOVO CHEFE

Com a saída do ex-prefeito WALDEMAR, do PDS, o deputado federal BEZERRA DE MELO assume o comando do partido em MOGI. E, pelo sorriso do vereador LUIZ TEIXEIRA nos corredores da Câmara, presume-se que será o futuro tesoureiro do partido, "falecido" em 15 de novembro último.

Vai começar tudo de novo.

EDICIR: VICE 88?

Se na próxima eleição o BOY for candidato a prefeito, seu vice já está definido. Apesar das gentis ofertas do prof. DIRCEU DO VALLE e de DORI BOUCAULT, que se prontificaram para o "sacrifício", o ex-presidente da Codemo preferiu optar pelo nome do próspero corretor de imóveis EDICIR ANDREUCCI, o EDINHO. Comentário do ROBERTO ESCOBAR, também um dos preteridos: "Tal como o pai, o BOY também prefere para vice uma pessoa de temperamento "explosivo".



BOY x BENONI: ENCHENTE

Comenta-se à boca pequena que a briga feia que aconteceu no final de janeiro entre o BOY e o vereador BENONI na Codemo, custou ao último a perda da presidência da Câmara.

A briga foi por causa de uma enchente que aconteceu na PONTE GRANDE, reduto do vereador, mas quem teria "ateado fogo" seria um vereador do PDS, interessado em "podar" o BENONI. Com a palavra o vereador IVAN SIQUEIRA.



AÉCIO: PREFEITO 88.

O prof. AÉCIO YAMADA, um dos "sacrificados" nas últimas eleições para prefeito, pretende, é óbvio, ser o sucessor do MACHADO.

Para isso, ele já "descobriu" a fórmula para ganhar: fazer o TRE antecipar o pleito para 1.º de novembro.

Isto porque, segundo ele, nas últimas eleições, até duas semanas antes estava ganhando longe do MACHADO.

PREVISÕES PARA 88

* Os funcionários da Prefeitura trabalham para os candidatos do MACHADO (Romildo, Aécio e Chico Nogueira), mas votam na oposição*

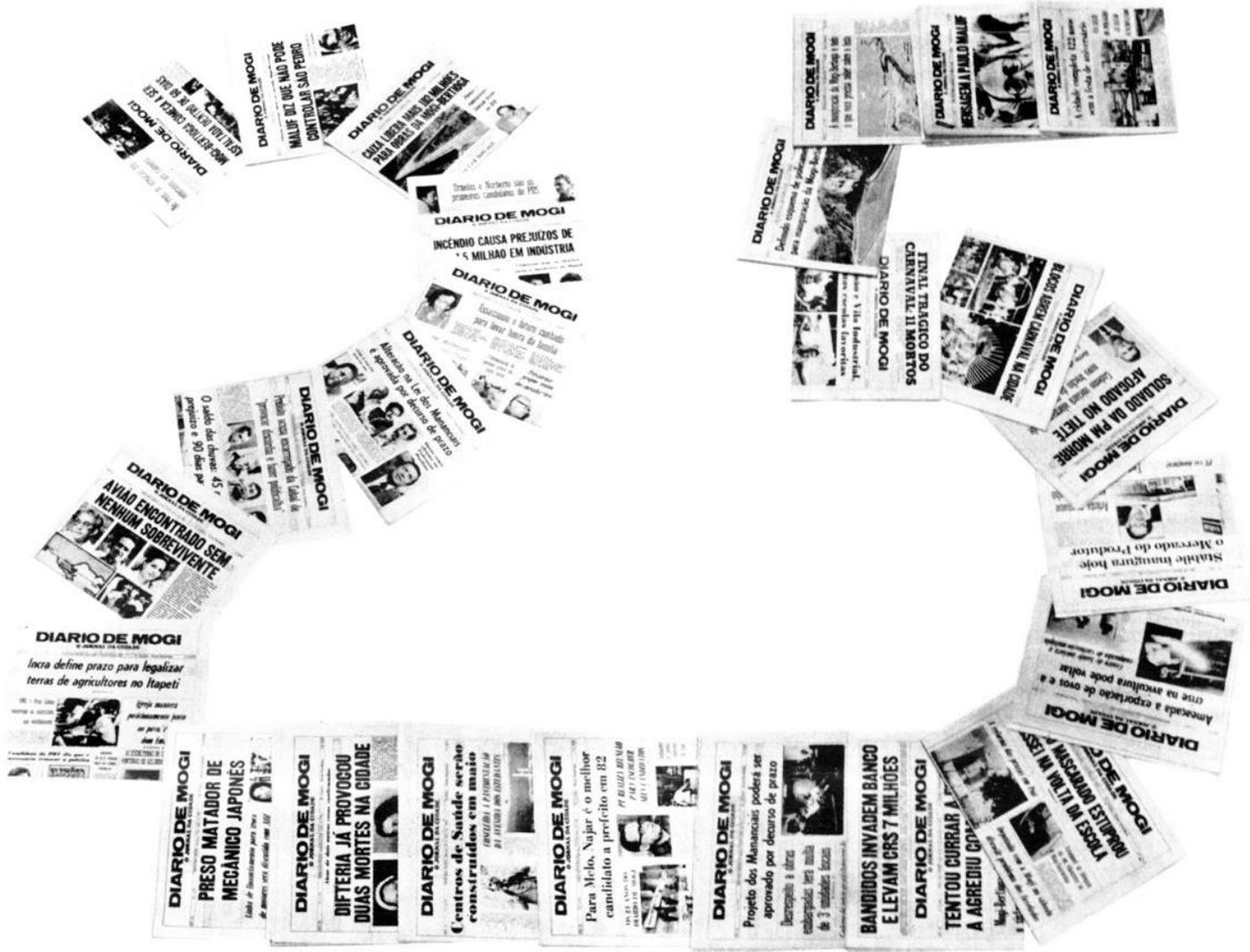
* O professor ARGEU BATALHA vai dar posse ao novo prefeito e garante que vai trabalhar na prefeitura de ITAQUA*

* LUIZ BERALDO DE MIRANDA reelege-se novamente na "casca" para vereador e novamente diz que pára de vez*

* Em Salesópolis, o candidato THIAGO RODRIGUES vence as eleições apoiado pelo prefeito MASSAYUKI UONO*

* Porém, em Biritiba-Mirim, acontece uma "zebra": o eterno candidato ZEZÉ OLIVA MELO JÚNIOR chega novamente em segundo lugar*

* VALDEMAR COSTA NETO (contra a vontade do pai) anuncia sua candidatura a prefeito e promete: "Vou ganhar com um pé nas costas, meu vice é o EDINHO, o presidente da Codemo será o ERNANINHO, as secretarias voltarão a ser coordenadorias, o projeto Cura vai completar as obras em Braz Cubas, Ponte Grande não terá mais enchentes, tudo isso em 6 meses. Depois, peço licença, o EDINHO assume, só que, durante minha ausência, ele pode fazer de tudo, menos assinar cheques"*



13 de Dezembro de 1982 será um dia muito especial. É que o Diário de Mogi completará 25 anos de existência. Quase ninguém sabe, mas são 25 anos que, dia após dia, noite após noite, muita gente está trabalhando duro para trazer até você a mais verdadeira história de sua cidade. São 25 anos que jornalistas correm sem cansar pelas ruas à procura de fatos e acontecimentos, voltam rápido para a redação, preparam a matéria, selecionam as fotos e passam para o estúdio revelar, os diagramadores montam as páginas, entregam textos para a composição, fazem revisão, ficam horas aprontando máquinas e material de impressão. E são 25 anos que esse pessoal faz tudo isso com muita vontade, dedicação e a mesma euforia com que foi feito o primeiro número.

DIÁRIO DE MOGI
Rádio e Jornal





Desde 1976, a cada viagem feita aos Estados Unidos, o advogado e industrial Antônio Luiz Nicolini nunca deixou de preencher a cota de quatro garrafas

de uísque permitida para cada adulto – como também esteve sempre atento aos leilões de bebidas que se realizam freqüentemente em São Paulo. O resultado, seis anos depois, são mais de 400 garrafas de 82 marcas diferentes. Há exemplares valiosos como um *Ballantine's* 30 anos e um litro de *White Horse* que ocupa local especial na coleção de uísque de Nicolini. Foi a primeira garrafa adquirida. A marca predileta, no entanto, é um raro *Jack Daniel's*, uísque feito no Tennessee. Trata-se de acervo respeitável de *scotchs*, mas Nicolini, 33 anos, diz que uma boa coleção precisa de 150 marcas – meta difícil e que envolveria viagens aos países europeus, já que as suas 82 espécies contemplam praticamente tudo o que se vende em nações americanas. “Por enquanto procuro manter contato com apreciadores que podem efetuar algumas trocas, além de participar de leilões”, explica o colecionador.



Depois de haver vendido parte de suas terras na Fazenda Tabor, localizada nas proximidades da ligação rodoviária Mogi das Cruzes-Via Dutra, para obter fundos necessários à implantação de um centro de treinamento para menores e instalação da nova Diocese de Guarulhos, até então subordinada a Mogi, a Cúria Diocesana volta a negociar os terrenos localizados na Serra do Itapeti. Desta vez, está prestes a ser concretizada uma transação com influente grupo empresarial paulista para a implantação de um Cemitério Parque nas proximidades do trevo de acesso à Via Leste.



Um ano depois de iniciar a programação de um computador para controlar as viagens e manutenção de sua frota de 100 ônibus, a empresa Santa Maria Viação Ltda. já está operando com o Alpha Disk, um minicomputador que cuida agora da difícil tarefa de conferência dos boletins de viagens e controla a manutenção mecânica dos veículos.

Os boletins elaborados a cada viagem discriminam itens como número de passageiros transportados, trechos intermediários percorridos entre duas cidades, horários e valores de

passagens. Diariamente são acumulados 500 desses relatórios, correspondentes ao número de viagens realizadas entre São Vicente e Aparecida do Norte, área de atuação da empresa. A conferência de todos os dados, que dependia do trabalho de quatro funcionários durante um dia, agora passou a ser feita pelo Alpha Disk em pouco menos de seis horas.

Hoje, por exemplo, basta consultar o computador para saber o prefixo do ônibus que precisa trocar pneus, óleo ou ter uma peça provavelmente necessitando de substituição.

Desde novembro, grupos de até três pessoas já podem realizar vôos panorâmicos sobre a cidade, pois o Aeroclube de Mogi das Cruzes acaba de adquirir um avião Cherokee Challenger, com capacidade para quatro passageiros, incluindo o piloto, abrindo nova, saudável e excitante opção de diversão. Esses vôos, antes restritos a um lugar nos aviões Paulistinha e Aeronca, são realizados de segunda a domingo (8 às 17 horas) no aeroporto da Granja Irohi, quilômetro 19 da estrada Mogi-Salesópolis. Preço da hora de vôo: Cr\$ 6 mil.

Animado com a chegada do Cherokee, o piloto e instrutor José Sebastião Evangelista, 36 anos, 10 de brevê e mais de 3 mil horas no ar, prevê maior procura por esta forma de lazer, que ainda não foi incluída nos hábitos da população, como mostra a estimativa do número total de pessoas que procuram o Aeroclube.

Pintado com cores alegres, como o velho Aeronca, o Cherokee não servirá apenas para passeios. Ele representa, para os alunos da Escola de Pilotagem, a possibilidade do chamado treinamento avançado, além das navegações por instrumento – etapa que os futuros pilotos eram obrigados a cumprir em cidades como São José dos Campos ou São Paulo.



de peixes – não só para ornamentar aquários, mas também para a alimentação. Ao todo, contando com os peixes decorativos, eles vendem mais de 30 mil por mês.

“Ter um aquário em casa” – diz Madalena Sainem – “é até recomendação médica, pois é bom para o descanso e também importante para incentivar as crianças a cuidar dos animais e da natureza.” Elisa e Kenki Tengan também se dedicam à criação de peixes numa área cedida pela Cerâmica Adashi, no mesmo quilômetro 6. Eles vendem mais as carpas, coloridas e escuras, porque os peixes ornamentais, como espadinha e lebiste, necessitam de grande investimento. Com sua produção ela abastece o aquário da Estrada do Pêssego, onde diariamente se formam filas de pessoas com problemas de bronquite, pulmão e tosse à procura de sangue da carpa, indicado ainda para a amamentação.

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



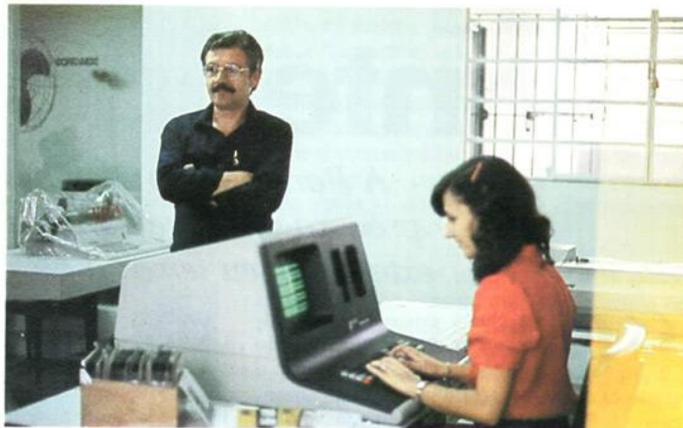
Quando procuravam uma área adequada para a instalação de sua loja, onde além da venda e colocação de móveis modulados seriam criados projetos exclusivos de decoração, os proprietários da Móveis Waiser Ltda. não podiam prever que encontrariam bem próximo ao centro da cidade um terreno de 1.500 m².

Seis meses depois, e já com o nome de Modullare, os sócios Alcídio Waiser, Alcides Waiser, Olavo de Oliveira Sobrinho, Carlos de Oliveira e Espólio de Manoel de Oliveira inauguraram a nova loja.

“Agora” – diz Alcides Waiser, 37 anos, “já não é preciso perder tempo para decorar uma casa ou apartamento; a montagem de um projeto de cozinha, por exemplo, pode ser feita em 24 horas”, garante, enquanto Olavo de Oliveira Sobrinho, 41 anos, acrescenta: “O cliente está sendo motivado pela nossa estrutura de trabalho, que vai desde a venda até a entrega, montagem.

Um novo plano : criar um mini-shopping no interior da loja, onde os clientes poderão adquirir complementos de decoração

Os inúmeros colecionadores de peixes que vêm surgindo em Mogi, nos últimos anos, provavelmente não têm idéia do árduo – e paciente – trabalho existente antes de os cardumes deixarem os tanques de criação. Madalena e Yokitaki Sainem conhecem tudo isso profundamente desde 1952, quando iniciaram a criação



Há seis meses operando na Contamec – Processamento de Dados, o Dr. Sócrates, um computador do Sistema 700 da Prológica, já faz parte da família do advogado e contador **Alfredo Campolino dos Santos Filho**, 46 anos e pioneiro na implantação da computação no setor de contabilidade de Mogi das Cruzes. Sempre acionado por Patrícia ou Beto, filhos de Campolino e que para isso já fizeram vários cursos em São Paulo, “Dr. Sócrates” foi um dos que mais trabalharam nas apurações da eleição.

Nos quatro dias da apuração, o computador da Contamec, contratado por empresas para efetuar serviços de contabilidade, folhas de pagamento e de holerites, recebeu cerca de 5 milhões de informações e consumiu 3 mil metros de papel para fornecer com antecipação os resultados. Numa sala especialmente montada para ele, Dr. Sócrates teve como companheiros mais dois computadores de sua linha e foi a grande atração da cobertura.

Para Alfredo, Beto e Patrícia Campolino, a “experiência foi fascinante” e abriu mais possibilidades de trabalho para a Central de Processamento de Dados da Contamec, hoje operando com apenas 30% de sua capacidade



O Museu de Arte Sacra e a sua igreja são dois dos monumentos que os paraibanos preservaram.

TURISMO

Mantendo a tradição

A Paraíba não se submete aos modismos do Sul e procura preservar sua história e cultura de influências externas. Seu lema: a terra onde o sol chega primeiro

“O sol chega primeiro na Paraíba”, é o **slogan** turístico do Estado, onde se encontra o ponto extremo oriental do continente americano. A Ponta do Seixas, no entanto, não é a única atração desse pequeno Estado nordestino, onde a hospitalidade, as tradições e a herança cultural são outros fortes componentes. Preocupado em manter suas origens, o paraibano talvez seja o povo mais resistente aos modismos e influências do Sul. Com um vocabulário próprio, ele não parece interessado em imitar as regiões mais avançadas, nem mesmo nas gírias. Suas tradições são

mantidas e preservadas, assim como sua história, contada através dos diversos monumentos tombados pelo Patrimônio Histórico.

Desta forma, não se surpreenda com o pequeno número de prédios em João Pessoa – as leis imobiliárias de lá são severas para evitar uma especulação imobiliária desenfreada –, principalmente na orla marítima. A cidade é também uma das mais bem cuidadas dentro do perímetro urbano, com ruas totalmente arborizadas, inúmeras praças e bosques que lhe dão o título da capital com maior área verde, em proporção ao seu território e população.

Entre os pontos que merecem ser visitados estão o Parque Solon Lucena, bem no centro da cidade, e o Arruda Câmara, no bairro do Rogers. No primeiro fica a lagoa, onde se ergueu o sítio jesuíta que deu origem à cidade e onde ainda se encontram exemplares da Mata Atlântica, pau-d'água e palmeiras imperiais. No segundo, está a Fonte de Tambiá, em estilo barroco e decorada com azulejos portugueses. A “Bica”, como é conhecido o parque, tem ainda um pequeno zoológico e jardim botânico, além de bar e restaurante que funcionam 24 horas por dia.

TESOUROS SACROS – João Pessoa é tam- ◆

A rota certa para um bom aprendizado.

M.M. LINGUAS

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 496

Você já não precisa dar a volta ao mundo para aprender inglês, francês, alemão, espanhol, italiano ou japonês.

bem uma cidade de muitas igrejas e preserva vários prédios construídos há quase 400 anos. Entre as mais interessantes estão a Matriz Nossa Senhora das Neves – construída pela primeira vez em 1586 e reconstruída três vezes; a de São Francisco, onde funciona também o convento de Santo Antônio – ela tem uma das mais importantes manifestações barrocas do País; o Mosteiro de São Bento, também uma construção barroca do século XVII; a igreja da Misericórdia, construída em 1612 e preservada na sua forma original; e a de Santa Tereza de Jesus, junto à Igreja Nossa Senhora do Carmo.

Muitas das peças sacras pertencentes a estes templos, no entanto, se encontram no Museu de Arte Sacra do Estado, localizado à esquerda da igreja São Francisco. Nele também são exibidos outros tesouros e relíquias que contam a história da Paraíba e fazem do museu uma visita obrigatória para o turista que pretenda conhecer melhor o Estado.

Apesar de ser uma cidade de vários edifícios e monumentos históricos, João Pessoa tem também muita efervescência e alegria. Basta passear pelas ruas centrais para se notar isso. Qualquer acontecimento merece destaque e é valorizado. Por isso, uma das coisas mais atraentes de se fazer no final da tarde é sentar em algum ponto alto e apreciar o pôr-do-sol. Esta, aliás, é uma tradição geral – existe tanto entre intelectuais, músicos e estudantes como entre os turistas que visitam a cidade.

Um dos locais mais procurados para isto é o Bar Paiol, junto à Casa da Pólvora. Para aproveitar o passeio recomenda-se uma visita a este outro monumento histórico da Paraíba, tombado pelo Iphan em 1938 e construído na primeira rua da cidade, a ladeira de São Francisco. Ali funciona atualmente o Museu Fotográfico Walfredo Rodrigues, mostrando imagens do final do século passado e início deste. O bar fica ao lado, serve cerveja deliciosamente gelada e tem uma das vistas mais bonitas de João Pessoa.

SOL CONSTANTE – As praias da cidade são outra paisagem deslumbrante, principalmente quando vistas do alto do Cabo Branco, onde se encontra o Farol – local muito procurado pelos seresteiros nas noites de lua cheia. São quase 25 quilômetros de praias, centenas de coqueiros e uma areia extremamente branca – aí, o verão dura praticamente o ano inteiro.

Entre as praias que mais se destacam está a de Tambaú, a cinco minutos do centro da cidade, com quatro quilômetros de extensão, belas residências, restaurantes sofisticados e bares pitorescos onde se reúne boa parte da população da capital. Há nomes quase curiosos como “Bar do Mijo”, “Bar do Meu...” e “Bar da Xota” – todos próximos ao Hotel Tambaú, o melhor de João Pessoa.

Mais à frente fica a praia do Cabo Branco, com 4.825 metros que concentra os melhores clubes da cidade, e a Praia do Seixas, onde se localiza o ponto extremo do continente. Nela, além de coqueiros, ainda existem árvores frutíferas nativas e choupanas de pescadores, além dos dois **campings** de João Pessoa. Depois do Seixas, a Praia da Penha atrai mais pelo santuário e o grande número de romeiros.

Um roteiro de boas opções

João Pessoa conta com bons hotéis, o mais notável deles, o **Tambaú**, que se destaca tanto pela localização privilegiada como pelo estilo arrojado de sua arquitetura. Construído na praia que lhe dá o nome, ele possui três piscinas, jardins internos, sauna, fisioterapia, restaurante, *american bar*, boate, cinema, agência de viagem e lojas, permitindo que os hóspedes façam tudo sem precisar sair do local. Lá a diária fica entre Cr\$ 5.250,00 e Cr\$ 7.350,00 para o casal.

O **Manaira**, na avenida Campos Salles, fone 226-1550, também tem piscina, restaurante, bar e os apartamentos contam com ar-condicionado, frigo-bar e televisão em cores. A uma quadra da praia, ele cobra diárias que vão de Cr\$ 4.850,00 a Cr\$ 9.000,00 para o casal.

Para quem prefere ficar no centro da cidade, o Hotel Tropicana é ótimo. Com restaurante, bar, piscina, salão de convenções e apartamentos com todo o conforto, ele tem diárias para casal que variam entre Cr\$ 4.365,00 e Cr\$ 5.970,00 – rua Alice Azevedo, 126, fone 221-8444. Há ainda a opção

do isolamento do Hotel Nazareno, em pleno Cabo Branco, com a vantagem de se estar a apenas 20 minutos de João Pessoa, com diárias de Cr\$ 2.200,00 a Cr\$ 3.500,00 para casal.

Restaurantes

Elite – Avenida João Maurício, 33, fone 226-2000, praia de Tambaú. Pratos da cozinha internacional e regional, além do melhor chopp da cidade.

A Peixada do João – Avenida Olinda, 64, fone 226-3727, também no Tambaú. Especializado em comidas regionais, o restaurante serve os mais variados pratos, onde se destacam a tradicional peixada e o ensopado de caranguejo.

Caravela – Na rua Bessamar, quadra 3, fone 226-2572, Praia do Bessa, peixes frescos e opções do cardápio internacional.

Panorâmico – No clube do Cabo Branco, avenida Coronel Souza Lemos, 167, no Miramar, fone 224-7791. Um dos melhores restaurantes da cidade: vista para o mar, música ao vivo e cozinha internacional.



No centro, paisagens preservadas.



Praias limpas e sol o ano todo

DEUSES ASTRONAUTAS – Saindo um pouco do perímetro urbano estão as praias do Poço, a dez quilômetros do centro, em direção a Cabedelo. Nesta praia fica a ilha de Areia Vermelha, que só aparece durante a maré baixa, tendo a tradição de realizar o carnaval mais animado da Paraíba. A praia do Bessa, na mesma direção, merece ser visitada pelos restaurantes que servem os pratos típicos da região – como peixada e ensopado de caranguejo –, com frutos do mar pescados praticamente na hora.

O município de Cabedelo fica a 18 quilômetros de João Pessoa, num trecho cheio de praias interessantes. Lá se encontra a fortaleza de Santa Catarina, construída em 1586, destruída e recuperada várias vezes. Ela foi um dos marcos da resistência dos colonizadores portugueses contra os holandeses – que conquistaram o forte em 1634. É nesse município também que se encontra o marco zero da rodovia Transamazônica e de onde saem os barcos que vão caçar baleia.

Outra cidade próxima à Capital e que oferece um forte atrativo é Ingá, a 84 quilômetros de João Pessoa. É lá que se encontram as “itacoatiaras”, que já atraíram cientistas e estudiosos de todo o mundo, interessados em desvendar os segredos dos desenhos milenares. Nas pedras que cercam um pequeno riacho cristalino, as inscrições pré-históricas desafiam o conhecimento e a imaginação do homem. Muitos acreditam que os desenhos foram feitos por alguma tribo primitiva, outros, que são uma marca da passagem dos fenícios pelo continente. Mas há quem, como o ficcionista Eric Van Daniken (“Eram os Deuses Astronautas?”), atribua sua origem à existência de seres extraterrenos que ali estiveram para deixar sua mensagem. ●

Eli Serenza, de São Paulo



Cartola, vendendo músicas para sucesso e faturamento de outros.

DISCOS

O direito do autor

Os tempos mudam: cantores e compositores já podem viver com arrecadação dos direitos autorais

*"Quando eu vi
Que a festa estava encerrada
E não restava mais nada de felicidade,
Vinguei-me nas cordas da lira de um trovador
Condenando o teu amor.
Tudo acabado."*

Quem escreveu esses versos, e a melodia do samba que tão bem combina com eles, foi o divino Cartola, mas quem ganhou dinheiro por causa disso foi Francisco Alves. Parece absurdo, é absurdo, mas era comum demais naquele tempo (a música "Divina Dama" é do início da década de 30). "Quem é que já não vendeu música? Qual é o compositor do nosso tempo que não vendia música? (...) Vendi umas quatro, cinco músicas ao Chico." O próprio Cartola fez essas afirmações no depoimento que deu pouco antes de morrer e que foi lançado em disco pelo Estúdio Eldorado com o título **Cartola - Documento Inédito**, em agosto do ano passado.

Cartola, ex-aprendiz de tipógrafo, ex-pedreiro, ex-lavrador de carros, ex-vigia de prédios, ex-contínuo de repartição pública, morreu pobre, como todos sabem, porque, na sua verdadeira profissão, a de poeta e compositor genial, dos melhores que este país já conheceu, ganhou pouco, muito pouco dinheiro.

A situação do direito de autor, dos tempos em que Cartola vendia músicas para Chico Alves ganhar dinheiro, até hoje, mudou bastante, no Brasil, e para melhor. Assim, no mesmo ano em que o Estúdio Eldorado lançou em disco a própria voz de Cartola cantando sobre aqueles tristes tempos, Roberto Carlos recebeu do Ecad, Escritório Central de Arrecadação do Direito Autoral, a bagatela de 26 milhões de cruzeiros, mais alguns trocados.

Pode até haver alguém que ache muito.

Afinal, sem contar com o dinheiro ganho por shows, pelo contrato com a gravadora, pela venda de discos, pelas apresentações na televisão, Roberto Carlos ganhou Cr\$ 26.653.609,00, em 1982, apenas de direito autoral. Uma média de quase três milhões de cruzeiros por mês. Só pelo fato de ter sido o autor, o criador, o inventor de dezenas e dezenas de obras que foram consumidas por milhões de pessoas, ao longo do ano, em casa, no trabalho, no carro, no elevador, no consultório do dentista, nos bares, nos motéis, em todos os lugares onde haja um aparelho de tevê, um sofisticadíssimo equipamento de som ou um simples radinho de pilha.

Pode até haver alguém que ache muito. Mas a verdade é que - ao contrário do que aconteceu no tempo em que Cartola compôs e vendeu para Chico Alves "Divina Dama", "Que infeliz sorte", "Tenho um novo amor" e outras preciosidades - criar música já dá dinheiro ao criador, no Brasil de hoje. E não só para o cantor famoso que divulga a composição, ou só para a gravadora multinacional que entra com o capital, explora o trabalho alheio e se enche de milhões.



Chico, bom dinheiro como autor

"O dono pensa a voz, a voz resulta um prato que gira para todos nós". Por ter criado versos geniais como estes (que, aliás, falam exatamente das relações criador-indústria, compositor-multinacional), Chico Buarque de Hollanda foi o quarto maior arrecadador de direitos autorais da MPB, em 1982: recebeu 14 milhões e alguns trocados, numa média mensal de um milhão e meio. Acima dele ficou Caetano Veloso, com Cr\$ 20.682.392,00. Nada demais, para quem é capaz de criar imagens como estas (que, aliás, compostas como homenagem a Chico Buarque, também falam da própria criação artística, do criador): "Numa festa imodesta como esta, vamos homenagear todo aquele que nos empresta sua testa construindo coisas pra se cantar. Viva aquele que se presta a esta ocupação, salve o compositor popular".

Se o terceiro e o quarto lugares entre os maiores arrecadadores, em 1982, ficaram com Caetano e Chico, dois dos maiores talentos de toda a história da nossa música, os dois primeiros ficaram com compositores menos sutis e elaborados, porém ainda mais populares - Roberto, em primeiro, e Erasmo Carlos, em segundo; o ex-tremendão ganhou 23 milhões de cruzeiros.

Depois desses quatro vieram Moraes Moreira (Cr\$ 12 milhões), Luiz Gonzaga Jr. (Cr\$ 10 milhões), Tom Jobim (Cr\$ 9 milhões), Djavan (Cr\$ 9 milhões), Rita Lee (Cr\$ 9 milhões) e Jorge Ben (Cr\$ 8 milhões). Desses, talvez o caso mais fulminante seja o de Djavan, cujo primeiro LP é de 1976, apenas seis anos atrás. Todos os outros estão emprestando sua testa, construindo coisas para se cantar, há mais tempo - alguns, como Tom Jobim, há muito tempo, desde meados da década de 50.

Nem mesmo Chico Alves, comprando obras-primas de gente como Cartola, Ismael Silva e Noel Rosa, deve ter ganho tanto dinheiro. Ainda bem.

Nada disso, é claro, quer dizer que a situação do direito de autor seja hoje uma maravilha, no Brasil. Ainda há muitos problemas, inclusive de sonegação de pagamento, de irregularidades, desvios, corrupção (volta e meia denunciados pelos artistas) nas sociedades arrecadadoras. Há ainda um imenso contingente que participa da criação de um disco, como os instrumentistas e os coralistas, e que tem recebido, até agora, apenas as migalhas do banquete. Mas a simples constatação de que as coisas melhoraram bastante, desde o tempo de "Divina Dama" até o ano de "Samurai", já é um motivo de júbilo. E de esperança de que as coisas melhorem ainda mais.

Salve a testa do compositor popular. ●

Sérgio Vaz, de São Paulo.

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



Os telejornais, passagem rápida pela memória do espectador.

TELEVISÃO

Sem memória e ruim

Os telejornais são rápidos, geralmente malfeitos e com um índice de memorização extremamente baixo.

Quando o ruído típico da máquina de telex abafa as vozes de Cid Moreira e Sérgio Chapelin nas últimas imagens do Jornal Nacional, o telespectador pode fazer um teste bem interessante: tentar lembrar as notícias que ouviu, descrevendo-as. Se o telespectador for atencioso, se lembrará de cinco ou seis, no máximo, nem todas as mais importantes. O resultado fica mais surpreendente ainda se o teste for realizado 15 minutos depois. Mais terrível se for realizado uma hora mais tarde e chocante se for feito no dia seguinte.

E a memorização é a exata medida da eficiência de um telejornal.

Na verdade, o índice de memorização das notícias divulgadas nos telejornais, da maneira como são feitos pela nossa televisão, é simplesmente ridículo. A abordagem rápida, sem um contexto maior onde poderia ser encaixada a notícia, o mau tratamento da imagem — que só serve de pano de fundo para um texto corrido e ao mesmo tempo monótono — e as perguntas dirigidas não para questionar o que está sendo dito, mas apenas para se obter a informação, sem submetê-la a versões de fontes diferentes ou questionamentos bem respal-



Betting: honrosa exceção

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83

dados, transformam os telejornais em amontoados de fragmentos perdidos e mal explorados. As exceções são pouquíssimas.

Uma pauta decididamente seletiva, com um tempo maior para os melhores assuntos; repórteres com um nível melhor de especialização dentro de determinadas áreas, possibilitando a eles o papel — fundamental — de questionadores; um tratamento mais cinematográfico da imagem, que em muitos casos dispensa o comentário do narrador e mesmo da pergunta do repórter, poderiam resultar num índice mais amplo de memorização e de qualidade.

Poderíamos ter, por exemplo, uma cobertura sobre enchentes só com imagens, que são fortes por si só, dispensando, entre outras coisas, a pergunta constrangedora do repórter aos parentes da vítima, com colocações sobre o que eles estão sentindo, como se as lágrimas e a dor já não fossem suficientes e óbvias.

O mesmo poderia acontecer para as coberturas de guerras, de conflitos entre posseiros e índios e mais um milhão de outros temas. A informação emocional, nestes casos, está nas imagens. O texto com o lado objetivo e racional poderia ser colocado depois, como um fecho da matéria. Com a especialização de repórteres, também poderíamos evitar as respostas dadas por políticos, impunes e descaradas, que seriam rebatidas de imediato com dados e números por um repórter bem informado. Mas a verdade é que nem sempre se pode exigir muito de profissionais freqüentemente mal pagos.

O resultado é que sem um tempo digno para um telejornal — de uma hora, no mínimo —, sem analistas entre os narradores (com honrosas exceções, como o **anchorman** Joelmir Betting), quem continua perdendo é o telespectador. E todos sabem que a desinformação ainda é a ferramenta básica da exploração do Homem pelo Homem.

•
Liane C. A. Alves, de São Paulo

LIVROS

Sabino retorna

A infância do escritor com realismo e muita ficção

Fernando Sabino



O Menino no Espelho



Encanto e lirismo na infância

Foi Machado de Assis quem divulgou entre nós o dito de William Wordsworth, segundo o qual "o menino é o pai do homem". O criador de **D. Casmurro** lançou mão da frase num de seus muitos momentos de reflexão a respeito da vida e das coisas com que costuma enxertar seus romances. Essa mesma frase serve de epígrafe ao romance que Fernando Sabino acaba de publicar com o título de **O menino no espelho** (Record, Rio, 1982, 198 págs.), mas ali figura como que para justificar o caminho de que resolveu valer-se o romancista para recuperar a infância perdida no tempo e reconstruir, por

Artes & Espetáculos

meio dela, a figura do homem atual que guarda dentro de si muito do antigo menino que brincava no quintal da casa em Belo Horizonte.

Livro de memórias, dirão os leitores, relutantes em aceitar a indicação de romance que vem impressa na capa. No que, aliás, não deixarão de ter um pouco de razão, pois evidentemente muita coisa há nesse livro efetivamente vivida pelo menino Fernando na pacata capital mineira de cinco décadas atrás. Mas os fatos guardados na memória correspondem ao mundo recriado por um menino de oito anos, cuja imaginação dá outra dimensão ao cotidiano. Na verdade, o garoto Fernando rompe as barreiras do real e penetra no mundo do sonho e da fantasia que não se distingue, pelo menos em sua imaginação, da realidade que o cerca. Neste ponto, Fernando Sabino não seguiu os exemplos de um Raul Pompéia que reconstituiu, em *O Ateneu*, o seu tempo de colégio, nem o de José Lins do Rego que em *Menino de Engenho* e *Doidinho* recompõe os lances mais dramáticos de sua meninice. Num e noutro há uma reconstituição da infância deformada pela visão do adulto para o qual são penosas essas recordações.

É certo que há no livro de Sabino a intervenção do adulto, mas ela se limita à valorização lírica das recordações infantis a ponto de conservá-las do mesmo modo como se teriam passado os fatos na imaginação do menino. O resultado disso tudo é um romance em que ocorre a cada passo a intervenção do maravilhoso, confundindo assim os planos da narrativa. As coisas mais simples adquirem aos olhos do menino nova dimensão: a galinha do quintal que ele salva do triste destino de ser servida ao molho pardo num almoço especial torna-se sua amiga e conversa com ele, assim como o fazem Tarzan e Mandrake; o quintal da casa é um cenário onde as coisas aparecem e desaparecem segundo a vontade de Fernando ou Odnanref, nome que usava quando assumia as funções de agente secreto ao lado de sua amiga Mariana, do Coelho Pastoff e do cão Hindemburgo. O relato de todas essas aventuras constitui o cerne desse livro, revelando o menino que se esconde por detrás do homem Fernando Sabino, e vice-versa.

Narrativa extremamente simples e enxuta, este romance chega por vezes a momentos de grande lirismo. Talvez resida aí seu maior encanto. Esse lirismo decorre da identificação entre personagem e autor que narra os fatos da memória ou da imaginação sem a preocupação de explicá-los nem tampouco de deixar clara a transposição de planos que se processa com a maior naturalidade. Livro de grande inspiração, representa como que um ponto de reencontro do escritor consigo mesmo e possibilita ao leitor voltar um pouco a sua própria infância. ●

Nilo Scalzo, de São Paulo.

CINEMA

Com otimismo

Gaumont compra Serrador e promete bons serviços



Hoffman: comédia de muito êxito

Sempre nesta época do ano, há uma curiosidade na imprensa sobre as perspectivas do próximo ano. É muito comum alguém me parar na rua e, na falta de outro jeito de puxar assunto, arriscar: "Como é, vamos ter bons filmes este ano?". O que dizer numa hora dessas? Existe algo mais desagradável do que ser pessimista?

Bons filmes são coisas raras. Quando se fez o balanço de 82 é que ficou claro que houve muito pouca coisa de interessante. 82 acabou sendo o ano de "E. T.". Aliás, um êxito tão grande que a moda já virou, agora pega bem é falar mal do filme, descobrir-lhe defeitos, demagogias.

Enfim, não é preciso ser mago para se imaginar que "E. T." vai sair vencedor do próximo Oscar (marcado para 14 de abril). A não ser que Hollywood tenha ficado cega e completamente fora de órbita. Outros vencedores ou pelo menos concorrentes deverão ser "Ghandi" (uma elogiada biografia do líder hindu, com premiadíssima criação do estreadante Ben Kingsley no papel central), "Tootsie" (com Dustin Hoffman vestido de mulher na comédia de mais êxito no final do ano passado nos EUA), Meryl Streep (como atriz em

"A Escolha de Sophie"). Todos esses filmes que vamos assistir agora por volta de março e abril.

Mas não é de cinema norte-americano que devemos esperar muita coisa nova. A esperança é que a grande novidade de 83 no cinema em São Paulo seja no setor de exibição. A Gaumont do Brasil (aparentada ao truste de exibição europeu) comprou no fim do ano passado o circuito Serrador em São Paulo, que inclui cinemas como Astor, Ipiranga, Majestic.

E daí, ? Será que não é apenas outra transação comercial? Felizmente não. O que se tem reclamado há muito tempo dos donos de cinema é a conservação de suas salas. Com o desenvolvimento do vídeo-cassete, a única forma do cinema sobreviver é oferecendo qualidade aos espectadores. Um filme como "E. T." ou "Tron" só funciona realmente com uma boa projeção, um bom sistema de som, uma cadeira confortável. Num vídeo, o resultado é apenas um arremedo do original, uma cópia muito pálida do que poderiam ser os efeitos.

Só que até agora os exibidores insistem em oferecer maus serviços. É normal que num cinema não se possa nem passar perto do banheiro ou usar um bebedouro, tal a sujeira. Isso, diz a Gaumont, vai mudar. Cinema vai voltar a ser um lugar decente para se frequentar. Além disso, pretendem aumentar as opções. Seguindo o exemplo da França — onde o cinema prospera a olhos vistos —, as



Agora, preocupação com o público

salas vão ser divididas. O Belas Artes, por exemplo, será retalhado em seis partes. Assim será possível oferecer maiores alternativas, um filme difícil poderá manter-se durante meses numa sala pequena sem riscos de grande prejuízo (a Gaumont também é distribuidora).

Unindo qualidade técnica com uma programação selecionada, o que a Gaumont pretende fazer é muito importante, antes de tudo por causa do exemplo. O consumidor brasileiro é muito conformista. Quem sabe agora tendo bons serviços ele passe a exigir também dos outros cinemas a mesma qualidade. E os outros serão obrigados a seguir o exemplo. Ou melhoram ou fecham. ●

Rubens Ewald Filho, de São Paulo

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83

Conto de fadas

Danda, a copeira que virou manequim internacional

De repente, a cafeteira Conceição Maria Guimarães dos Santos viu sua vida transforma-se da mesma forma e facilidade com que mudam as vidas dos personagens das histórias de fadas. Servindo café diariamente nas salas da Petrobrás do Rio de Janeiro, Conceição, a "Danda", 24 anos, simplesmente retirou o avental, vestiu a melhor roupa que tinha em sua casa de Nova Iguaçu, um subúrbio fluminense, e subiu as escadas de um DC-10 que a levou para a Alemanha. Fora contratada para desfilar seu 1m70 de elegância mulata e o sorriso que fez dela a Miss Simpatia da Beija-Flor de Nilópolis, numa mostra internacional de 16 dias pelas cidades de Düsseldorf, Bonn e Hamburgo.

Nada mais real do que este autêntico conto de fadas carioca, pois Danda, tal qual a Gata Borralheira, retornou ao serviço diário de servir cafezinhos, só que com 450 dólares no bolso, o dinheiro ganho para desfilar nas passarelas internacionais com jeans da São Paulo Alpargatas. Não se tratou, no entanto, de algo passageiro. Em outubro, a empresa de promoção Labourieaux, da Checoslováquia, levou-a para Moscou, onde desfilou outros seis dias, resultado direto do sucesso feito na Alemanha, onde chegou a ser notícia até no *Tm-aktuell*, jornal especializado em mostras internacionais. Desta vez trouxe mais: ganhou 2 mil dólares.

QUINTA-FEIRA DE SORTE – A guinada na vida desta mulata, que sustenta, com os Cr\$ 60 mil mensais ganhos da Gril, empresa contratada pela Petrobrás, dois irmãos, a mãe e uma filha de cinco anos, começou numa feliz quinta-feira de agosto, quando entrou num gabinete para servir café a um executivo de relações exteriores da Petrobrás. "Ja tenho a pessoa que você quer" – disse ele à pessoa com quem conversava ao telefone. Era Jaime Hoechamn, o dono da Labourieaux, e dois dias depois, no sábado, Danda embarcava para a Europa. "Nunca havia entrando num avião. Quando botei o pé lá dentro fiquei tão assustada e satisfeita que comeci a chorar", recorda ela, que era esperada na Alemanha por um Mercedes-Benz de luxo.

Apesar de ainda servir cafezinhos, as perspectivas já são bem melhores, pois Danda prevê que viajará no mínimo dez vezes por ano, o que lhe poderá render 20 mil dólares, ou Cr\$ 5,6 milhões, mais do que ganhará no mesmo período com seu emprego na Gril. Ela já pensa, inclusive, na nova profissão, algo bem mais elevado do que a carreira para a qual se preparava – estudando o segundo ciclo no Colégio Silveira Leite, em Nova Iguaçu,

ATO, JANEIRO/FEVEREIRO DE 83



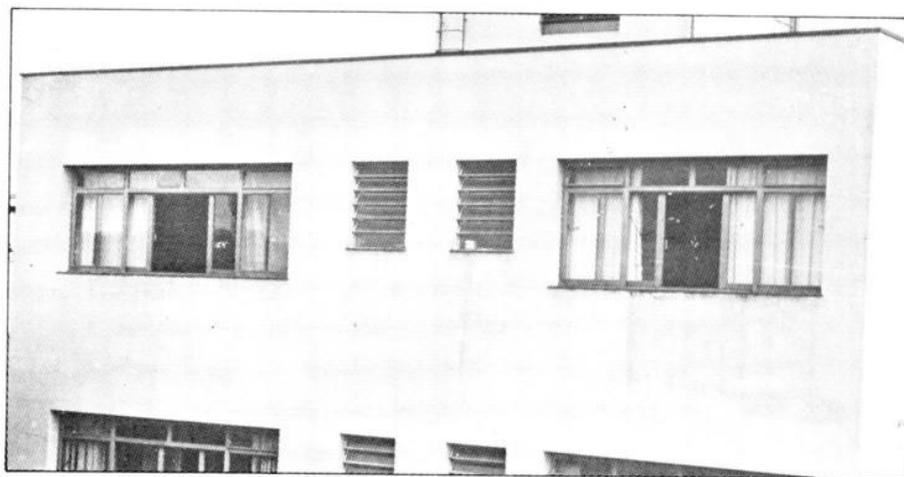
...1.º desfile na Alemanha

Danda pensava ser escriturária. Sua vida também já mudou bastante. No avião, sentiu nitidamente a diferença. "Na Petrobrás eu sirvo café e nas viagens são moças muito bonitas que me servem", constata, para notar também uma grande onda de ciúme e agressão, tanto no seu trabalho como no bairro onde mora. "Tanta gente boa na empresa e escolhem logo essa negra burra", já ouviu na Petrobrás. Ou então: "Essa negra está mentindo. Ela só tem a passagem de ida e vai para o Exterior se prostituir", comenta-se em Nova Iguaçu sobre Danda, que gastou oito horas e 15 mil cruzeiros para que um cabeleiro fizesse suas tranças.

Jorge Oliveira, do Rio



Danda, rosto novo após o...



Por trás destas janelas tudo pode acontecer. Na maior parte do tempo, nós estamos atrás das janelas maiores, tratando das elucubrações mentais, criando e executando trabalhos para nossos clientes. Porém, quando a necessidade exige, corremos às duas menores. Venha nos conhecer. Mas não pelas janelas, pois você pode ser preso por andar no telhado dos vizinhos. Nossas portas estão sempre abertas, mesmo que você só precise usar as do meio.

J&W publicidade

Rua Prof. Flaviano de Mello, 769
s. 24 e 25 - Fone: 469-5250



CARLOS SOH

ABRE O JOGO

(Arte & Efeitos de Som: Nicolielo)

Uma página feita por gente que precisa falar um pouco sério, na derradeira homenagem a esse caçador de passarinhos que plantou tantos sonhos pelos campos do Brasil.



**Vai, Mané.
E que o teu
drible não
tenha sido
em vão.**

Tinha 13 anos, nada além disso, quando ouvi pela primeira vez a descrição da escapada lisa, mortal, de um mago de pernas tortas que iniciava sua corrida alegre e efêmera para a notoriedade. Foi rápido: um russo, de coxas brancas e nome que não gravei, tropeçou na perplexidade e se estatelou na grama de um distante estádio sueco.

*Já lá vai um bocado de tempo e, no entanto, lembro de tudo muito claramente: as ruas de terra da Zona Norte; um rádio *Spica* – grande novidade de então – colado ao ouvido; a narração incomparável de Pedro Luís e o meu esforço para imaginar as peripécias que aquele malabarista com nome de pássaro criava no curto espaço entre o início da grande área e a linha de fundo. Tudo isso me veio à mente numa fração de segundos, há dias, quando novamente o rádio – só que agora mais sofisticado e de som mais límpido – agravou o meu mau humor matinal ao anunciar a má notícia. O cidadão em apreço, de batismo Manoel Francisco dos Santos, Garrinha na boca do povo, estava morto. E tivera o sobrenome trocado, virando vulgar Manoel da Silva na tira de esparadrapo que lhe colaram ao peito na fria mesa de mármore de um Instituto Médico Legal qualquer.*

E tudo me volta muito vivo agora, quando, por dever de ofício, preciso falar dessa morte e alinhar palavras para tentar pintar Garrinha em vida, nem que tantos já o tenham feito e quase tudo já tenha sido dito. Chaplin, Macunaíma, toureiro a inventar verônicas, Gene Kelly ou qualquer outro personagem que eu descubra escondido no drible cômico, malicioso e inesperado daquele dançarino eterno, é puro desperdício tentar descrevê-lo. Alguém já o fez e, provavelmente, em melhor estilo.

Por isso, vou falar de nós, órfãos de Garrinha, essa geração já quase quarentona que não consegue esconder certa melancolia ao ver os campos – e a vida – desprovidos da alegria e da irreverência de um futebol que não se joga mais. Garrinha foi, talvez, dos poucos – e seguramente dos últimos – gênios loucos a transmitir, aos que conseguem enxergar todos os ângulos do futebol, o encantamento que é necessário para se continuar acreditando na vida.

Sua corrida foi curta, como é próprio dos iluminados, mas o que plantou ali, nas laterais do campo, onde brincou a mais não poder com camisas de várias cores e um inesquecível número 7 às costas, há de ser suficiente. Por ele, a grama de todos os estádios onde um ponta-direita colocar a chuteira vai ter um viço permanente e um brilho especial.

A nós, testemunhas emudecidas desse tempo que já vai virando saudade, restam lembranças que, ah! meninos, não podereis imaginar jamais. Vimos Garrinha e temos obrigação de continuar a brindar respeitosamente todas as paixões que ele alimentou. E de manter viva a memória de suas façanhas, mesmo que os mais jovens nos façam aquele ar de mofa que sempre merecem os depoimentos dos velhos que hoje já quase somos. Quem sabe assim Garrinha não seja apenas uma fotografia de antigas conquistas, amarelecida, na parede. Porque, sem o movimento leve e desconcertante de sua perna a desenhar poesias com a bola, sem a voz de Elis e sem o sambinha de Adoniran, só falta proibirem esta macia cervejinha de fim de tarde para que o País fique irremediavelmente chato.



A FRASE

“Você tem o telefone do FMI???”

(Um diretor do São Paulo, aflito, assim que tomou conhecimento das bases financeiras do contrato que Careca acertou com o clube.)

Matheus avisa:

“Premeramente devo de dizê que esse tal de Paulo Egídio pode ser muito bom, mas, com a grana que o Vardemá gastó pra contratá ele, eu trazia o Laudo Naté e o Olavo Setuba”.

O Santos, que há anos se debatia com a crônica ineficiência do seu ataque, não teve dúvidas: trouxe Camargo, Paulo Isidoro e Serginho para, ao uni-los a Pita e João Paulo, compor uma peça que é de assustar as mais sólidas das defesas. O Palmeiras, que se havia transformado na versão moderna do célebre “faz-me rir”, não titubeou em trazer Nenê, Perivaldo, Batista, Cléo e outros menos votados, acenando ainda com a possibilidade de contratar um centroavante de muita intimidade com as redes. O São Paulo, reconhecido esquadrão, foi buscar ainda o competente carregador de piano Zé Mário e os toques sutis e mortais de Careca, ousando sonhar mais longe, pois, no Morumbi, garante que até maio Paulo Roberto Falcão desembarca por lá. O Corinthians, indiscutível campeão, ainda teve habilidade para conseguir esse promissor Paulo Egídio

Pois bem, se vocês unirem a esse respeitável grupo a renovada e surpreendente Portuguesa; a reforçada Ponte Preta de Mário Sérgio e Jorge Mendonça; o rejuvenescido Guarani de Everton e as sempre agradáveis surpresas que o Interior nos reserva, como a Ferroviária de hoje, dá para se imaginar que o titulista de qualquer jornal por aí não cometerá nenhum exagero se chamar o próximo campeonato paulista de “o campeonato do século”. O que, mesmo que a gente faça muita força para não ser baírrista, nos coloca um risinho irônico nos lábios quando se ouve dizer que, até aqui, os grandes negócios do futebol carioca foram as trocas de Gilcimar por Duílio e de Robertinho por Wilsinho, e a contratação de Lupercínio pelo Botafogo...

Não sou dos saudosistas eternos, que acham que futebol, mesmo, era aquele de gorrinhos, meias zebreadas, tornozeleiras e treinadores paternalistas que solucionavam tudo na manha, mas, realmente, confesso que não posso entender como é que um futebol que tem Rubens Minelli, Mário Travaglini e tantos outros técnicos de competência provada em campo vai ter de buscar para sua seleção um tal de Carlos Alberto Parreira. É, no mínimo, acintoso.



BOM, ENQUANTO A NAVE NÃO VOLTA PRA MÊ BUSCAR, SÓ HÁ UMA CHANCE: DESCOBRIR ESSE TAL DE MÁRCIO PAPA E DESCOLAR UM CONTRATINHO...



Louco para uma desforra depois da perda do título para o Corinthians, o são-paulino, assim que tomou conhecimento do tal noticiário envolvendo Casagrande e um vidro de cocaína, ligou aqui para a redação: – Olha, escreve aí que, agora, só falta eles contratarem o Aragonês. Com os dois juntos, esse ataque vai fazer incríveis “conexões”...

Esta página é lida

por você, o que é suficiente para garantir o bom humor pelo ano inteiro; pela Jus-sara Prado e Patrícia Masgrau, que enfeitam este número de ATO, tornando-a mais charmosa e elegante; pela Marina, de volta de Cabrália; pelo Diego, amassando as páginas entre as mãos; pelo competente Braga Júnior, de 2.ª a 6.ª com o seu excelente Partido do Esporte, às 17 horas, na Rádio Excelsior; pela moça das cartas coloridas, um sol incrivelmente permanente; pelo Jair Bueris, esquematizando o calendário para ver todos os jocos da máquina tricolor; pelo papi, que neste ano leva ferro com seu Corinthians; pela Luciana e pelo Fernando, sacudindo o flat do vô Quita; pelo MD, que esteve em Orlando e não viu que a sorte grande estava logo ali; pelo Rodrigo, que já aprendeu a cantarolar o “Salve o Tricolor Paulista”, para desespero da Tetê; e pelo Humberto, que deixa esta página bonita e que ameaça deserdar a filha se não cantar o hino do Palmeiras.

A Educação é um investimento

O desenvolvimento é o crescimento somado à evolução; por seu lado, a evolução é social e cultural, ao mesmo tempo que econômica, qualitativa e quantitativa.



* Durcília Verreschi Monteiro da Silva

Em nenhum outro setor de atividades, esse interrelacionamento torna-se tão patente como no campo educacional. A Educação é um direito de toda a pessoa humana, mas, para que esse direito se torne realidade, é necessário dispor-se de meios, condição fundamental para que se obtenha um bom resultado. Meios para investir na formação do indivíduo que faz parte de uma sociedade.

E investir no indivíduo representa desenvolvimento e evolução social. O que significa – e como se pode ministrar – uma educação equilibrada? Educação é um processo muito amplo e que inclui variáveis econômicas e sociais, saúde, habitação, segurança social, lazer, empregos, vestimenta, liberdades civis – condições propostas pela Comissão de Estatística das Nações Unidas como exigências básicas de um nível satisfatório de vida.

Educar significa também elevar o nível de vida de toda a comunidade e responder aos objetivos da sociedade em todo o seu conjunto. Conseqüentemente, toda a educação tem de ser dinâmica para poder atender ao momento histórico que se vive.

A escola, para formar agentes espe-

cíficos da educação, não pode ficar alheia à realidade. Para os espíritos rotineiros, enfrentar a realidade nem sempre é agradável. Espantam-se os que não têm acompanhado a evolução do trabalho escolar, da inexistência das filas de entrada e saída dos alunos, da ausência das carteiras fixas enfileiradas nas classes, da movimentação e participação do aluno dentro da sala de aula.

Para os que não têm consciência da educação como investimento dentro de um processo evolutivo, é necessário esclarecer que laboratórios, salas-ambiente, bibliotecas, material didático, currículos adequados, professores especializados e remuneração condigna são elementos básicos e imprescindíveis na formação do indivíduo em todos os níveis de ensino.

É preciso, também, não esquecer que estamos vivendo a época da telemática, que a sociedade mudou, as pessoas mudaram, os valores já não são os mesmos – e, assim, a escola igualmente não pode continuar a mesma; tem de acompanhar essa alteração de rumo, sob pena de continuar respeitando – e executando – coisas próprias do estilo das escolas dos anos 30, o que, evidentemente, não é o melhor exemplo a ser seguido.

A Educação passou por grandes transformações a partir do século passado, com enormes progressos na teoria e na prática educacional, adivindas da contribuição dada pela Psicologia. Isso

permitiu maior compreensão do educando e da aprendizagem da Sociologia, saindo daí o novo papel da escola na sociedade democrática contemporânea. Tais contribuições refletem-se na reorientação da atividade educacional, que passou a se preocupar com o crescimento total da criança em vez de acentuar apenas um aspecto, como fazia a escola tradicional.

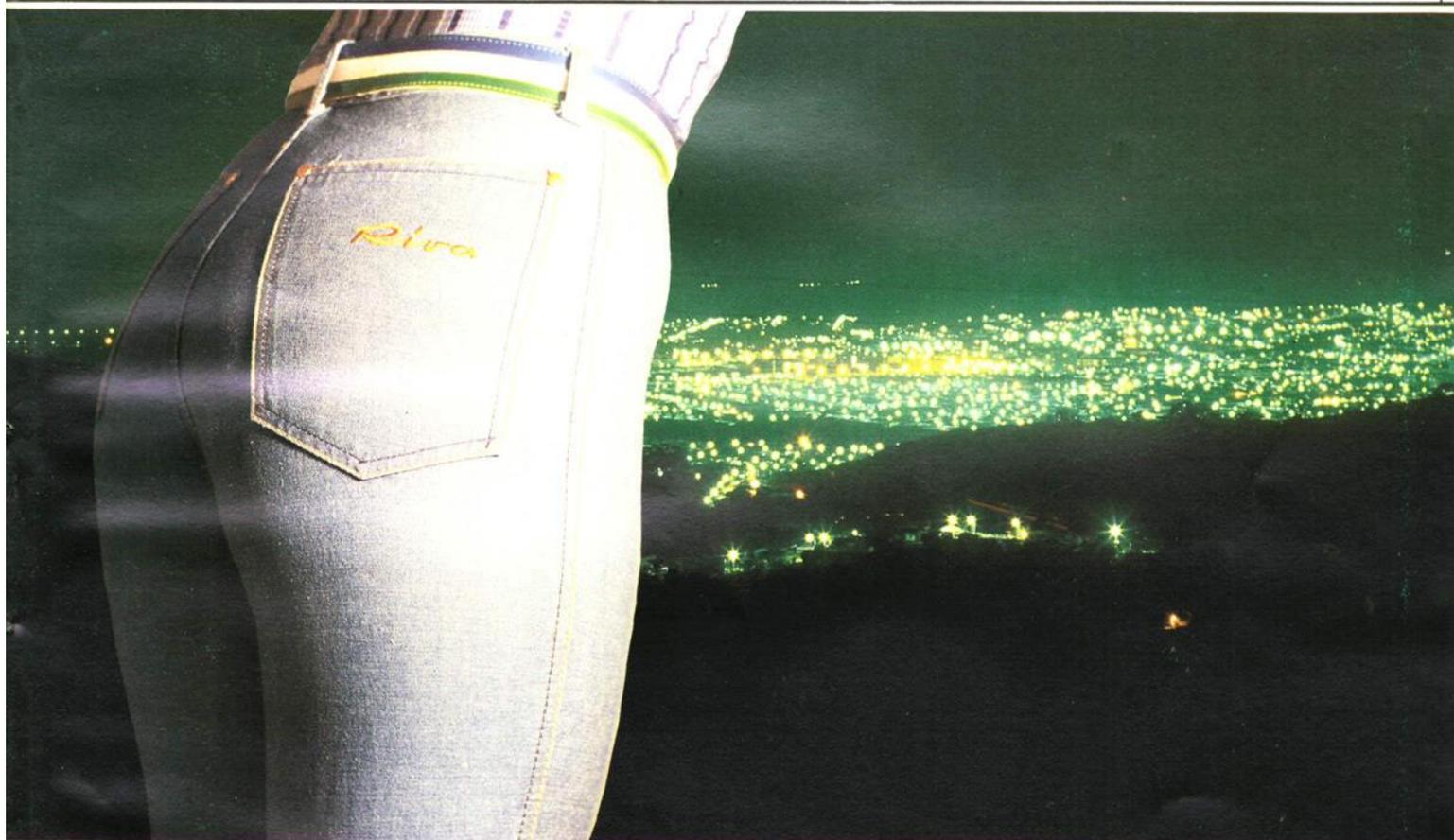
Escolas contemporâneas e professores atuais não só aplicam um pensamento filosófico e psicológico às atividades educacionais, mas se realizam ao recebe o reconhecimento público pela qualidade de seu trabalho e resultados obtidos.

No entanto, contracenando com essas escolas e professores, existem aqueles educadores cujos processos e organização antiquada não são apenas totalmente ineficientes: bem pior que isso, são prejudiciais ao crescimento dos indivíduos submetidos à sua influência.

Quando nos perguntam se educar é investimento, respondemos: é o maior dos investimentos, pois, quanto melhor for a qualidade da educação ministrada ao aluno, melhor o nível da sociedade. Investir em educação é investir num mundo melhor.

* Durcília Verreschi Monteiro da Silva é diretora pedagógica das unidades I e II do Colégio São Marcos.

Num mundo de tantos nomes...



Riva Jeans chegou
e vai conquistar o seu corpo.
Definitivamente. Da cintura para baixo.
E nesse espaço,
só domina quem tem, pelo menos,
muita força, beleza e qualidade.

Riva
jeans



A sua estrela ganhará um novo brilho neste verão.

Em Mogi: LANCAGE BOUTIQUE – R. Prof. Flaviano de Mello, 1317;
SAVANA'S BOUTIQUE – R. Barão de Jaceguai, 977;
WANTED JEANS – R. Dr. Paulo Frontin, 239.

A poupança acaba de entrar no trimestre móvel. Direto pra Nossa Caixa.



A poupança da Nossa Caixa entrou no trimestre móvel e ganhou maior velocidade. Você escolhe o dia pra abrir a sua caderneta de poupança e a partir daí o seu trimestre começa a correr. Por isso, fique atento: agora quem dirige o trimestre é você. Abra caminho pra sua caderneta de poupança da Nossa Caixa. Quanto mais rápido você chegar até a Nossa Caixa, mais cedo a sua poupança vai começar a render juros e correção monetária. Chegando lá, dê uma paradinha e fale com o gerente.

Governo
José Maria Marin



Trabalhando
para o povo.

**nossa
caixa**